

LAURA CAMPOS DE BORBA

**PANORAMA DA LEXICOGRAFIA HISPÂNICA: SUBSÍDIOS PARA O
PROFESSOR GAÚCHO DE ESPANHOL**

PORTO ALEGRE

2014

LAURA CAMPOS DE BORBA

**PANORAMA DA LEXICOGRAFIA HISPÂNICA: SUBSÍDIOS PARA O
PROFESSOR GAÚCHO DE ESPANHOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciada em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño Miranda

PORTO ALEGRE

2014

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todo apoio, carinho e paciência durante os sete anos que somam o preparo para o ingresso na Universidade, a graduação em si e a elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Félix Bugeño Miranda, pela oportunidade de ingresso na Iniciação Científica. Foram quatro anos de orientação, dedicação, “puxões de orelha”, confiança e incentivo, primordiais para minha formação acadêmica.

À prof^a. María Gómez Bedoya, pelo auxílio durante a elaboração deste trabalho.

Ao CNPq, pelo incentivo através da Bolsa PIBIC/CNPq concedida.

RESUMO

No âmbito da Lexicografia, diante da vasta gama de obras disponíveis para cada tradição lexicográfica (hispânica, francesa, alemã, entre outras), faz-se necessário um instrumento que classifique os dicionários disponíveis e forneça um panorama claro dos mesmos. Estabelecer um panorama facilita as tarefas de um consultante que busca resolver uma dúvida linguística, de um compilador de dicionários que precisa eger a classe de obra a ser redatada e de um avaliador que precisa reconhecer qual classe de obra tem diante de si. No contexto do ensino-aprendizagem de línguas, um panorama pode subsidiar o professor de língua na sua tarefa de recomendar uma obra de referência que possa auxiliar na resolução das dúvidas linguísticas que podem surgir da parte de seus alunos. No Brasil, no que concerne ao ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, o professor carece de um panorama de obras de língua espanhola à sua disposição e de uma orientação a respeito do uso de dicionários em sala de aula. Em vista dessa carência, o presente trabalho possui como objetivos, em primeiro lugar, estabelecer um panorama da Lexicografia Hispânica; em segundo lugar, e a partir desse panorama, oferecer subsídios ao professor de espanhol para orientá-lo na sua tarefa de eger e recomendar dicionários a seus alunos, com o propósito de auxiliá-los em relação às suas dúvidas linguísticas. A metodologia consiste de duas etapas. A primeira é o levantamento de dicionários de suporte impresso e eletrônico, seguida de uma avaliação dos mesmos de acordo com uma classificação de dicionários, resultando, por fim, em um panorama da Lexicografia Hispânica. A segunda etapa, por sua vez, consiste no estabelecimento das classes de necessidades linguísticas que geram maiores dúvidas no estudante brasileiro. Para essa etapa, são considerados alguns estudos de análise contrastiva entre o espanhol e o português, relacionados aos insumos linguísticos previstos no Plan Curricular del Instituto Cervantes (doravante PCIC), um documento que norteia o ensino de espanhol como língua estrangeira. Os principais resultados das análises apresentadas neste trabalho comprovam a eficácia do dicionário como ferramenta auxiliar para a resolução de dúvidas linguísticas dos estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira. Tais resultados refletem a importância da relação entre um panorama para a Lexicografia Hispânica e o ensino de espanhol para o professor que leciona no Brasil. Outro ponto que merece ser mencionado é que, ainda que sejam direcionados para falantes nativos de espanhol, os dicionários analisados podem resolver boa parte das necessidades linguísticas dos estudantes brasileiros de espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia Hispânica. Uso de dicionários. Ensino-aprendizagem de espanhol.

RESUMEN

En el ámbito de la Lexicografía, delante de la gran cantidad de obras disponibles para cada tradición lexicográfica (hispanica, francesa, alemana, entre otras), es necesario un instrumento que clasifique los diccionarios disponibles y fornezca un panorama claro de los mismos. Establecer un panorama facilita las tareas de una persona que busca resolver una duda lingüística, de un compilador de diccionarios que necesita elegir qué clase de obra va a redactar y de un evaluador que requiere reconocer cuál clase de obra tiene delante suyo. En el contexto de la enseñanza-aprendizaje de lenguas, un panorama puede subsidiar un profesor de lengua en su tarea de recomendar una obra de referencia que les auxilie a sus alumnos delante de las dudas lingüísticas que puedan surgir. En Brasil, en lo que toca a la enseñanza-aprendizaje de español como lengua extranjera, el profesor carece de un panorama de obras de lengua española a su disposición y de una orientación relativa al uso de diccionarios en sala de clase. En vista de tal carencia, este trabajo tiene por objetivos, en primer lugar, establecer un panorama de la Lexicografía Hispánica; en segundo lugar, y a partir de este panorama, ofrecerle subsidios al profesor de español que lo orienten en su tarea de elegir y recomendar diccionarios a sus alumnos, bajo el propósito de que les sirva de auxilio en relación a sus dudas lingüísticas. La metodología consiste de dos etapas. La primera es reunir diccionarios de soporte impreso y electrónico, para una evaluación posterior segundo una clasificación de diccionarios, de manera a resultar en un panorama de la Lexicografía Hispánica. La segunda etapa a su vez consiste en establecer las clases de necesidades lingüísticas que le causan más dudas al estudiante brasileño. Para esa etapa son considerados algunos estudios de análisis contrastivo entre el español y el portugués, relacionados a los insumos lingüísticos previstos en el Plan Curricular del Instituto Cervantes (en adelante PCIC), un documento que nordea la enseñanza de español como lengua extranjera. Los principales resultados de los análisis presentados en este trabajo comprueban la eficacia del diccionario como herramienta auxiliar para resolver las dudas lingüísticas de los estudiantes brasileños de español como lengua extranjera. Tales resultados reflejan la importancia de la relación entre un panorama para la Lexicografía Hispánica y la enseñanza de español para el profesor que enseña en Brasil. Otro punto que merece mencionarse es que, aunque sean direccionados para nativos hablantes de español, los diccionarios analizados pueden resolver buena parte de las necesidades lingüísticas de los estudiantes brasileños de español.

PALABRAS-CLAVE: Lexicografía Hispánica. Uso de diccionarios. Enseñanza-aprendizaje de español.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	A Lexicografia e o advento das classificações de dicionários	8
1.2	Da classificação de dicionários a um panorama lexicográfico	9
2	A LEXICOGRAFIA HISPÂNICA DISPONÍVEL PARA O PROFESSOR	
	GAÚCHO	13
2.1	Biblioteca UFRGS	13
2.2	Biblioteca PUCRS	14
2.3	Biblioteca UNIRITTER	15
2.4	Biblioteca Instituto Cervantes	15
2.5	Dicionários online	15
3	CLASSIFICAÇÕES DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS	17
3.1	Propostas de classificação de obras lexicográficas	20
3.1.1	Swanepoel (2003)	20
3.1.2	Welker (2004).....	21
3.1.3	Engelberg; Lemnitzer (2004).....	23
3.1.4	Haensch; Omeñaca (2004).....	25
3.1.5	Bugueño Miranda (2014).....	27
3.2	Proposta de elaboração de um panorama da Lexicografia Hispânica	29
4	PANORAMA DA LEXICOGRAFIA HISPÂNICA	30
4.1	Dicionário fraseológico: DFrasEM (2004)	32
4.2	Dicionário de colocações	33
4.3	Dicionário de regência: DCR (2002)	34
4.4	Dicionário ortográfico: DRAEe (2001)	34
4.5	Dicionário de pronúncia: DFonEsp (2007)	35
4.6	Dicionário de parônimos	36
4.7	Dicionário da rima: Rimas.es	36
4.8	Dicionário inverso: DInvE (1987)	37
4.9	Dicionário onomasiológico stricto sensu: DId (2004)	37
4.10	Dicionário de ideias afins: DIA (1985)	38
4.11	Dicionário de sinônimos: DASA (1998) e Sinonimos.com	39
4.12	Dicionário pela imagem	40
4.13	Dicionário exaustivo (thesaurus)	40

4.14	Dicionário α exaustivo (dicionário geral de língua): DRAEe (2001)	40
4.15	Dicionário escolar: DE (2005), DDEE (1994) e DDEI (1994)	40
4.16	Dicionário de estrangeirismos: DPDe (2005)	41
4.17	Dicionário de norma real: DEA (2005)	42
4.18	Dicionário de norma ideal: DUE (2001)	43
4.19	Dicionário de dúvidas: DPD (2005) e DuDi (2006)	43
4.20	Dicionário dialetal: NDAr (2000)	44
5	A LEXICOGRAFIA HISPÂNICA E O ENSINO DE ESPANHOL COMO L2	
	PARA BRASILEIROS	45
5.1	Dúvidas linguísticas de um estudante brasileiro de espanhol de níveis A1 e A2 ..	47
5.1.1	Função 1: dar e pedir informação	48
5.1.2	Função 2: expressar opiniões, atitudes e conhecimentos.....	49
5.1.3	Expressar gostos, desejos e sentimentos.....	49
5.1.4	Relacionar-se socialmente	50
5.2	O uso de dicionários para a resolução de dúvidas linguísticas	51
5.2.1	Análise do tratamento aplicado pelos dicionários aos nove problemas elencados.....	63
6	CONCLUSÕES	65
	REFERÊNCIAS	66
	APÊNDICE A – DICIONÁRIOS DO ACERVO UFRGS	71
	APÊNDICE B – DICIONÁRIOS DO ACERVO PUCRS	74
	APÊNDICE C – DICIONÁRIOS DO ACERVO UNIRITTER	76
	APÊNDICE D – DICIONÁRIOS DO ACERVO INSTITUTO CERVANTES ...	78
	APÊNDICE E – DICIONÁRIOS ONLINE	81
	APÊNDICE F – Apêndice de pronomes do DDEI (1994)	83

1 INTRODUÇÃO

De modo geral, é possível afirmar que os dicionários são potenciais ferramentas no processo de ensino-aprendizagem tanto da língua materna como de uma língua estrangeira. Informações a respeito do significado de uma palavra e a possibilidade de resolução de dúvidas a níveis ortográfico, morfológico e sintático, são bons exemplos para ilustrar tal afirmação.

Na Universidade, os alunos de Letras têm a oportunidade de escolher uma língua estrangeira para estudar durante o curso. É possível inferir a necessidade que esses estudantes têm de dicionários de língua estrangeira, a fim de que possam resolver suas dúvidas de forma imediata, e não só durante as aulas. Estimula-se, assim, aquilo que a moderna pedagogia chama de “autonomia na aprendizagem” (LEFFA, 2003). Pode-se dizer que o uso de dicionários de língua estrangeira é fundamental durante esse período. Os estudantes de espanhol, por exemplo, têm disponíveis ferramentas lexicográficas como o *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE, 2001), voltado para falantes nativos de espanhol, e o dicionário DELE (2009), voltado para aprendizes brasileiros de espanhol.

Os alunos de Letras da UFRGS, por exemplo, que tenham interesse por dicionários têm à sua disposição a disciplina Léxico e Dicionários (LET 01208). Através da mesma, pode-se conhecer a área da Lexicografia, os elementos que compõem um dicionário e ainda conhecer e estudar outros dicionários.

Ao final da graduação, durante as disciplinas de Estágio de Docência em Língua Espanhola I e II (LET 02086 e LET 02087), o estagiário que, com base na sua experiência durante o curso, queira usar dicionários de espanhol como ferramentas auxiliares durante suas aulas irá deparar-se com dois aspectos: 1) os professores de espanhol não estão muito familiarizados com os dicionários de espanhol disponíveis e com o uso que poderiam fazer desses dicionários em suas aulas; 2) conseqüentemente, os alunos não estão acostumados a manejar um dicionário, muito provavelmente porque os professores não incluem essa ferramenta em suas aulas. Curiosamente, e de maneira paradoxal a esse cenário, há uma ampla oferta de dicionários de espanhol, disponíveis tanto à venda no mercado brasileiro como de forma gratuita na internet, como é o caso do DRAEe (2001).

A partir da experiência citada, é possível supor que os professores de espanhol (especialmente os que atuam junto ao Ensino Médio) desconheçam a oferta de dicionários de espanhol porque falem estudos sobre o tema. Um levantamento estatístico no *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos* (ABEH) - uma revista renomada que difunde estudos a

respeito da língua espanhola - permitiu constatar que, das 19 edições¹, disponíveis gratuitamente na internet (1991-2013), com um total aproximado de 456 trabalhos, há apenas 14 contribuições (entre artigos e resenhas) que possuem como tema a Lexicografia Hispânica. Esses dados estatísticos comprovam que há uma baixa oferta de estudos lexicográficos que possam ser úteis ao professor de língua espanhola no exercício de sua função docente.

Presume-se que essa situação seja um fenômeno constante no ensino-aprendizagem de língua espanhola. Percebe-se a necessidade de um guia que aponte aos professores quais são os dicionários de espanhol disponíveis no Brasil e que uso pode-se fazer dessas obras em sala de aula. Para a elaboração desse guia, faz-se necessário, em primeiro lugar, estabelecer um panorama de dicionários disponíveis no Brasil, elaborado a partir de uma proposta de classificação lexicográfica. Em segundo lugar, é preciso relacionar as obras contidas no panorama com as necessidades linguísticas dos estudantes.

1.1 A Lexicografia e o advento das classificações de dicionários

A classificação de dicionários está se convertendo em um tópico fundamental para os pesquisadores da área da lexicografia. A nível internacional, destaca-se o volume suplementar de *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires* (WDD, 2013), com capítulos que apresentam panoramas lexicográficos de várias línguas, como o italiano, o francês, o iberoromance, entre outras. A nível nacional, esse tópico está sendo explorado através de trabalhos como Bugueño Miranda (2008) – que apresenta um panorama da lexicografia alemã –, Bugueño Miranda (2011) – que apresenta um panorama da lexicografia brasileira – e Bugueño Miranda (2014) – que apresenta uma proposta de classificação de dicionários sob um viés taxonômico.

Ademais da classificação de dicionários impressos, outro tópico que adquiriu bastante atenção no WDD (2013) é a classificação de dicionários de suporte eletrônico (aqui compreendido por CDs, DVDs e dicionários online). Existe um interesse considerável por dicionários difundidos por esse suporte, tanto da parte de editores como dos usuários de dicionários (ATKINS e RUNDELL, 2013). Pode-se dizer que a rapidez, juntamente com a variedade de opções de busca, são algumas das vantagens que os dicionários eletrônicos podem oferecer. Há ainda pesquisadores que consideram que há uma preferência, dentro do âmbito dos dicionários eletrônicos, por dicionários disponíveis na Internet. Heid (2013, p. 27), por exemplo, afirma que:

¹ Cada edição do ABEH tem uma média de 24 trabalhos, entre artigos e resenhas.

Com as tecnologias para apresentação de informação que têm sido desenvolvidas fora do âmbito da lexicografia [...], a gama de possibilidades da lexicografia para apresentar conteúdos de dicionários online tornou-se muito mais ampla do que a usada em mídia offline².

Ainda que o suporte eletrônico para dicionários esteja presente nas discussões acadêmicas³, há uma escassez de estudos mais aprofundados acerca do tema. Algumas questões que ainda não foram discutidas dizem respeito ao levantamento sobre o espectro de dicionários disponíveis na Internet (tendo em vista o grande fluxo de informações que circulam na Internet) e à classificação, em termos qualitativos, desses dicionários. Em relação aos dicionários de espanhol disponíveis na rede, por exemplo, há poucos estudos científicos publicados. Em uma pesquisa realizada no volume dedicado à lexicografia do ABEH (2013), não há estudos acerca de dicionários online; e nas publicações a respeito da lexicografia hispânica presentes nas atas dos congressos da Asociación para la Enseñanza de Español como Lengua Extranjera⁴, tampouco há aportes a respeito de dicionários online. Esse panorama deixa incompleta a formação acadêmica de profissionais que queiram atuar no ensino de espanhol e na área da lexicografia.

1.2 Da classificação de dicionários a um panorama lexicográfico

De acordo com Swanepoel (2003, p. 44), a construção de classificações de dicionários é um fator indispensável para a pesquisa lexicográfica. Nessa mesma direção, Bugueño Miranda (2014, p. 215) defende que “a classificação das obras de referência é importante tanto para o compilador (ou redator) do dicionário e seu usuário, como também para o avaliador”. Uma classificação permite que: o compilador estabeleça que classe de dicionário pretende redatar; o avaliador reconheça que classe de obra tem diante de si; e o usuário escolha, dentre um panorama de obras disponíveis, a que responda melhor às suas necessidades.

Em uma sala de aula, há dois perfis de usuário diferentes, representados pelas figuras do professor e dos alunos. Como usuário de dicionários, e inserido nesse contexto como

² [With technologies for information presentation that have been developed outside lexicography, [...] the range of possibilities for lexicography to present dictionary contents online has become much wider than it used to be in offline media]

³ Além de Heid (2013), já mencionado anteriormente, há outras contribuições, como Atkins; Rundell (2013), que consideram os dicionários eletrônicos como o futuro da lexicografia; Bergenholtz; Johnsen (2013), que analisam a relação entre o usuário e os dicionários eletrônicos; Müller-Spitzer (2013), que compara as estruturas de texto presentes em dicionários impressos e eletrônicos; Ooi (2010), que apresenta o estado da arte de dicionários online de inglês; entre outros.

⁴ Disponíveis no site do Centro Virtual Cervantes (cf. referências bibliográficas).

mediador da aprendizagem de seus alunos (cf. Araujo (2009) para esse conceito), o professor precisa ser autônomo o suficiente para eleger dicionários tanto para si próprio como também para seus alunos. No que concerne aos professores de espanhol, a pouca oferta de estudos lexicográficos que lhes possam ser úteis é um fator prejudicial para a ocorrência dessa autonomia na escolha de dicionários. Nesse sentido, uma classificação de dicionários de língua espanhola poderia ser de grande utilidade para o professor de espanhol na sua dupla tarefa de eleger uma obra para si e recomendar obras de referência a seus alunos.

No que diz respeito à classificação de dicionários, há três abordagens possíveis, explicitadas por Bugueño Miranda (2013): impressionista, funcional e linguística. A primeira, de caráter subjetivo, organiza os dicionários de acordo com critérios externos à obra, que não se relacionam ao seu conteúdo propriamente dito. Atkins; Rundell (2008, p. 24), por exemplo, tratam da abordagem impressionista ao considerar o tamanho como um ponto a ser levado em conta no momento da compilação e classificação de um dicionário. Além do uso de denominações alusivas às dimensões físicas das obras (*mini, pequeno, grande, de bolso*, etc.), outra característica dessa abordagem é a distinção de acordo com o número de lemas⁵. Alguns exemplos de obras compiladas sob o viés impressionista são o *Gran Diccionario de Uso del Español Actual* (GDUE, 2001), *El Pequeño Larousse Ilustrado* (PLI, 2011) e o *Diccionario Básico de Uso de la Lengua Española* (DBLE, 2007), que informa possuir 30000 entradas e internamente apresenta-se também sob o título de *Diccionario de Bolsillo de la Lengua Española* (cf. Borba; Bugueño Miranda (2013) para uma análise deste dicionário).

A abordagem funcional, por sua vez, organiza os dicionários de acordo com uma determinada variável apenas, o que lhe confere um caráter incompleto (para mais detalhes, cf. item 3.1.3). Engelberg; Lemnitzer (2004, apud BUGUEÑO MIRANDA, 2014), por exemplo, incluem o âmbito de ensino-aprendizagem de línguas como um critério de classificação. Ainda que conveniente, a classificação funcional acaba por ser incompleta por referir-se a um âmbito específico apenas e por desconsiderar parâmetros linguísticos, como a distinção entre obras monolíngues e bilíngues, por exemplo.

Por fim, a terceira abordagem é a linguística, a qual considera critérios de imanência linguística. Um exemplo dessa classificação está presente em Haensch; Omeñaca (2004), os

⁵ De acordo com Bugueño Miranda (ibid), uma distinção por número de lemas seria aplicável somente entre tradições lexicográficas de línguas tipológica e geneticamente parecidas. Além disso, as distinções por número de lemas nem sempre correspondem ao número real de lemas que uma obra apresenta. Um exemplo disso é o *Diccionario de la Lengua Española* (DiLE, 2009), que informa possuir 90.000 entradas quando, em uma análise feita por Borba (2013a), o número real corresponde a pouco mais de 25.000.

quais incluem, entre outros critérios, o número de línguas e as perspectivas de recepção e produção.

A classificação linguística, assim como a funcional, também acaba sendo incompleta por tratar os critérios linguísticos isoladamente, sem relacioná-los com uma função. Se, por um lado, a abordagem funcional é incompleta por não incluir parâmetros linguísticos, por outro lado a linguística apresenta pendências em relação à função. Frente a esse cenário, uma consonância entre as abordagens linguística e funcional parece resultar em um modelo mais apropriado de classificação de dicionários.

Tendo em vista a importância de uma classificação de obras de referência, o presente trabalho busca responder à questão de *qual* dicionário o professor de espanhol poderia recomendar a seus alunos - na qualidade de mediador da aprendizagem - para que os mesmos resolvam suas dúvidas linguísticas. Tal proposta possui duas dimensões: a classificação das obras de referência disponíveis e o uso de tais obras em sala de aula. Considerando essa dupla dimensão, estabelecemos dois objetivos centrais para este trabalho: 1) estabelecer um panorama da Lexicografia Hispânica; 2) oferecer subsídios ao professor de espanhol para orientá-lo na sua tarefa de eleger e recomendar dicionários a seus alunos, segundo as necessidades destes.

Para efeitos de classificação das obras disponíveis, primeiramente será realizado um levantamento de quais dicionários de língua espanhola estão disponíveis para os professores de espanhol (considerando os suportes tanto impresso como eletrônico). Em relação aos dicionários de suporte impresso especificamente, e dadas as dimensões deste trabalho, considerar-se-á a disponibilidade de obras em acervos de livre acesso localizados no entorno da cidade onde reside esta estudante. Isso significa dizer que serão levados em conta acervos universitários (UFRGS, PUCRS e UNIRITTER) e um acervo privado (Instituto Cervantes), todos situados na cidade de Porto Alegre e que permitem acesso universal. Já em relação aos dicionários eletrônicos, serão consideradas as obras disponíveis gratuitamente na Internet.

A partir dos resultados desse levantamento, cada obra será analisada e avaliada quanto ao enquadramento em uma classificação de dicionários. São inegáveis as contribuições para o tema da classificação de obras de referência por parte de pesquisadores tais como Haensch; Omeñaca⁶ (2004) e Welker (2004)⁷. No entanto, para fins deste trabalho, optou-se pela

⁶ Os autores fazem uma proposta de classificação de dicionários de língua espanhola, a qual está organizada de acordo com a divisão entre dicionários gerais e não gerais de língua. A partir dessa divisão são inseridas várias subclassificações, que contêm um comentário breve e uma lista de obras de referência correspondentes. Um dos problemas encontrados nessa classificação é o fato de os autores incluírem tamanho, número de volumes, de páginas e de entradas como parâmetros de classificação, características próprias de uma abordagem

classificação de Bogueño Miranda (2014), por apresentar uma consonância entre as abordagens funcional e linguística – resultando assim em um modelo que consideramos mais apropriado de classificação.

Já em relação ao uso de obras de referência em sala de aula, a especificação das características atreladas ao perfil de usuário *aluno* é fundamental. Atkins; Rundell (2008, p. 28-30), por exemplo, dividem as características sob as quais um usuário pode ser classificado em três aspectos: tipo de usuário (levando em conta aspectos como a faixa etária), tipo de uso (necessidade linguística que levou à consulta a um dicionário) e conhecimento prévio (familiaridade com o uso do instrumento dicionário). Desses aspectos, o tipo de usuário e o tipo de uso podem ser inferidos de acordo com o nível em que se encontram os alunos (se considerada a classificação do *Marco Comum Europeu de Referência para as Línguas* (MCER, 2002), por exemplo) ou a etapa de aprendizagem (se consideradas as orientações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (PCNEM, 2000)). Os conhecimentos linguísticos específicos da língua espanhola abarcados em cada nível, por sua vez, podem ser encontrados no *Plan Curricular del Instituto Cervantes* (PCIC, 2006). Já o conhecimento prévio é um aspecto que não pode ser previsto; caberia a cada professor verificá-lo junto a seus alunos.

Portanto, para subsidiar o professor de espanhol em relação ao uso de dicionários por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira, avaliar-se-ão os documentos que orientam o ensino de línguas, mais especificamente os PCNEM (2000), o MCER (2002) e o PCIC (2006). A partir dessa avaliação, e utilizando estudos de análise contrastiva entre o espanhol e o português, serão elencadas as necessidades linguísticas que poderiam gerar dúvidas no estudante brasileiro de espanhol.

impressionista e que fornecem falsas impressões ao usuário a respeito da qualidade da obra. Há ainda que considerar a vasta gama de informações contida na obra, fator que dificulta a visualização da mesma como um conjunto.

⁷ O autor propõe uma classificação de obras de referência, distinguindo entre dicionários de língua e outras obras, consideradas de consulta. A partir dessa distinção seguem outras subcategorias, como suporte (impresso / eletrônico) e número de línguas (monolíngue / bi/multi-língue). O maior problema encontrado é a escassez de critérios de classificação, o que acaba por deixar essa abordagem imprecisa.

2 A LEXICOGRAFIA HISPÂNICA DISPONÍVEL PARA O PROFESSOR GAÚCHO

Neste capítulo, primeiramente serão expostos os resultados de um levantamento dos dicionários impressos de espanhol disponíveis em bibliotecas de três instituições de Ensino Superior (UFRGS, PUCRS e UNIRITTER) e de um curso de um instituto binacional de línguas (Instituto Cervantes). Em segundo lugar, apresentaremos os resultados de outro levantamento, direcionado aos dicionários eletrônicos de espanhol, mais especificamente aqueles disponíveis gratuitamente na Internet. É importante ressaltar que os dicionários impressos e eletrônicos citados neste capítulo foram brevemente comentados. Para maiores detalhes a respeito dos mesmos, ver capítulo 4.

Para efeitos deste trabalho, foram considerados apenas os dicionários monolíngues de espanhol. Esta restrição se deve à complexidade do tema dos dicionários bilíngues (BUGUEÑO MIRANDA, 2014).

2.1 Biblioteca UFRGS

O acervo da biblioteca da UFRGS está dividido entre várias bibliotecas setoriais, distribuídas nos campi da Universidade e que oferecem livre acesso para consulta local (sem empréstimo) para quem não estiver vinculado à Universidade. A relação dos dicionários de espanhol distribuídos nas diversas unidades da biblioteca pode ser visualizada no Apêndice A, e acessada através do site *www.sabi.ufrgs.br*. Muitas dessas obras contêm a marca *não disponível* no banco de dados gerais da biblioteca. Isso se deve ao fato de que a unidade que mais concentra dicionários de espanhol, a Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades (BSCSH), passou por uma inundação em dezembro de 2013. Em vista do ocorrido, muitos livros, entre dicionários e outras obras, foram danificados e, atualmente, estão em processo de restauração⁸.

Dos dicionários disponíveis, destacamos o *Diccionario del Estudiante* (DE, 2005). Compilado pela Real Academia Española, essa obra possui caráter normativo e está dirigida a estudantes espanhóis e hispano-americanos com idades entre doze e dezoito anos.

Uma característica que se sobressai é o uso sistemático de exemplos para todas as acepções. Na apresentação do dicionário, menciona-se que “os exemplos podem revelar-se especialmente úteis para ilustrar construções habituais e o funcionamento de alguns tipos de

⁸<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/01/livros-da-ufrgs-afetados-por-alagamento-sao-congelados.html>

palavras, como os verbos e as palavras gramaticais”⁹ (DE, 2005, p. XXI). Por um lado, a presença de exemplos auxilia o consulente com maior clareza em relação ao comportamento sintático e semântico das palavras. Por outro lado, reserva-se apenas aos exemplos a função de indicar regências, solução que pode não ser a mais adequada. S.v. *faltar* é um exemplo disso, no qual a regência está indicada em versalete:

faltar, intr. 1. No existir alguien o algo en un lugar, o no existir en la cantidad suficiente.
EN la empresa falta personal.

A inclusão de um segmento informativo na microestrutura que indicasse a presença de regências, acompanhado do respectivo exemplo de uso, parece-nos mais eficaz.

2.2 Biblioteca PUCRS

O acervo da biblioteca da PUCRS está concentrado na sede central do bairro Partenon. A relação dos dicionários de espanhol encontrados pode ser visualizada no Apêndice B, e acessada pelo site *verum.pucrs.br* (o acesso será direcionado automaticamente a uma plataforma de dados da biblioteca chamada Omnis). O ingresso de pessoas não vinculadas à PUCRS é realizado através de cadastro na recepção da biblioteca, e prevê acesso local aos livros (sem empréstimo) e acesso irrestrito aos computadores e bases de dados eletrônicos, como os periódicos, por exemplo.

Da relação de dicionários de espanhol disponíveis, distinguimos o *Diccionario Didáctico de Español – Elemental* (DDEE, 1994) e o *Diccionario Didáctico de Español – Intermedio* (DDEI, 1994)¹⁰. O primeiro está direcionado para estudantes entre oito e doze anos, e o segundo para estudantes entre doze e dezesseis anos.

Assim como no DE (2005), a característica que se sobressai nesses dois dicionários é a presença de exemplos em todas as acepções. Outro ponto a ser considerado é a grande quantidade de segmentos informativos na microestrutura (cf. capítulo 4 para mais informações a respeito).

⁹ [Los ejemplos pueden revelarse especialmente útiles para ilustrar construcciones habituales y el funcionamiento de algunos tipos de palabras, como los verbos y las palabras gramaticales].

¹⁰ Para mais informações a respeito do DDEE (1994) e do DDEI (1994), c.f. Borba; Bugueño Miranda (2012).

2.3 Biblioteca UNIRITTER

O acervo da biblioteca UNIRITTER (campus Porto Alegre) está concentrado no bairro Alto Teresópolis e oferece livre acesso para consulta local (sem empréstimo) para quem não estiver vinculado à Universidade. O levantamento dos dicionários de espanhol disponíveis pode ser visualizado no Apêndice C, e acessado pelo site biblioteca.uniritter.edu.br/biblioteca/.

2.4 Biblioteca Instituto Cervantes

O acervo da biblioteca do Instituto Cervantes está localizado no bairro Três Figueiras e oferece livre acesso para consulta local (sem empréstimo) para quem não estiver vinculado à instituição. Por outro lado, oferece a oportunidade de que pessoas não vinculadas possam cadastrar-se na biblioteca e, mediante pagamento de taxa anual, retirar livros (concessão não aplicável aos dicionários impressos, no entanto) e utilizar outros recursos, como os dicionários eletrônicos. O levantamento dos dicionários de espanhol disponíveis pode ser visualizado no Apêndice D, e o acesso ao catálogo pode ser realizado através do site catalogo-bibliotecas.cervantes.es/, selecionando-se a cidade de Porto Alegre. A instituição prevê ainda o empréstimo entre as bibliotecas das distintas sedes, tanto brasileiras como estrangeiras, o que amplia o acesso a outros dicionários não disponíveis na sede da capital gaúcha.

Do acervo de dicionários impressos, distinguimos o *Diccionario de dudas y dificultades de la Lengua Española* (DuDi, 2006). O dicionário inclui palavras que possam apresentar particularidades (a nível ortográfico, fônico, morfológico, sintático ou léxico-semântico) que possam gerar dúvidas em relação ao seu uso, além de quadros de conjugação verbal (cf. capítulo 4 para mais informações a respeito).

2.5 Dicionários online

Através da palavra-chave *diccionario*, buscou-se na Internet dicionários online gratuitos. A relação com as obras encontradas pode ser visualizada no Apêndice E.

De modo especial, destacamos o *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAEe, 2001) e o *Diccionario Panhispánico de Dudas* (DPDe, 2005). Ambos são compilados pela Real Academia Española (RAE) e possuem edições impressas. O DRAEe (2001) é um

dicionário geral de língua, de caráter normativo, direcionado aos falantes de espanhol como língua materna (cf. BORBA (2013) e BORBA (2012a) para estudos mais detalhados da obra). A obra é uma das principais referências da Lexicografia Hispânica e funciona como ferramenta principal da RAE na sua função de orientar os falantes de espanhol. O DPDe (2005), por sua vez, também possui caráter normativo. Da mesma forma que o DDD (2006), seu objetivo é auxiliar o usuário em relação às dúvidas de caráter linguístico.

A partir das obras disponíveis nos cinco acervos apresentados neste capítulo, será organizado um panorama da Lexicografia Hispânica. Para tanto, são necessárias duas etapas: primeiramente, no capítulo a seguir, serão analisadas algumas propostas de classificação de dicionários, além da exposta por Bugueño Miranda (2014); em seguida, no capítulo 4, apresentar-se-á a aplicação da classificação de Bugueño Miranda (2014) aos dicionários de espanhol, resultando, dessa forma, no panorama da Lexicografia Hispânica.

3 CLASSIFICAÇÕES DE OBRAS LEXICOGRAFICAS

Cada tradição lexicográfica (portuguesa, hispânica, inglesa, alemã, francesa, entre outras) possui uma infinidade de obras lexicográficas disponíveis, tanto em suporte impresso (papel) como eletrônico (Internet, CD-ROM e DVD-ROM). É possível utilizar os dicionários disponíveis como ponto de partida para três tarefas diferentes: a) consultá-los para a resolução de dúvidas linguísticas (atividade realizada pelo usuário); b) buscar subsídios para desenhar uma obra lexicográfica de acordo com determinados critérios (atividade realizada pelo compilador); e c) analisar ditas obras com vistas à sua avaliação (atividade que cabe ao avaliador de dicionários). Diante desse cenário, do qual formam parte o usuário, o compilador e o avaliador, por um lado, e os dicionários disponíveis, por outro, faz-se necessário um instrumento mediador que, ao classificar os dicionários disponíveis, oriente o acesso aos mesmos e facilite a realização das três tarefas elencadas. Trata-se, em outras palavras, de analisar e eleger uma proposta de classificação, para então aplicá-la aos dicionários de uma determinada tradição lexicográfica.

O primeiro fator a ser analisado em uma proposta de classificação é a abordagem utilizada. Bugueño Miranda (2014) aponta três abordagens possíveis para a classificação de dicionários: impressionista, funcional e linguística.

Uma abordagem impressionista, conforme dito anteriormente, considera as dimensões físicas da obra (*mini, pequeno, grande, de bolso, etc.*) e o número de lemas como critérios de classificação. São exemplos de obras compiladas sob essa abordagem o *Diccionario Básico de Uso de la Lengua Española* (DBLE, (2007), também apresentado sob a denominação *de bolsillo*, e que informa possuir 30.000 entradas) e o *Diccionario de la Lengua Española* (DiLE (2009), que informa possuir 90.000 entradas). O DBLE (2007), ao apresentar duas denominações diferentes para a mesma obra, não esclarece se a extensão de 30.000 entradas está associada à classificação *básico* ou à classificação *de bolsillo*. Já o DiLE (2009), conforme análise de Borba (2013a), é contraditório ao informar que possui 90.000 entradas quando, na verdade, apresenta pouco mais de 25.000.

Abordagens de caráter impressionista acabam por não apresentar aplicação universal (ou seja, a todas as tradições lexicográficas) devido a três restrições, conforme Bugueño Miranda (*ibid*). A primeira restrição está no fato de que cada tradição lexicográfica estabelece relações numéricas às suas obras de maneira distinta. Assim, o número de entradas que, para uma tradição, corresponderia à classificação *pequeno dicionário*, poderia corresponder à classificação *grande dicionário* em outra tradição. A segunda restrição consiste na falta de

critérios claros sobre como é feito o cálculo da densidade macroestrutural e ainda sobre como tais números são associados a determinadas classes de dicionários (*básico e de bolso*, conforme o exemplo anterior). Finalmente, ainda que existissem teorias claras para o cálculo de lemas e a correspondência a uma classe de dicionários, os dados relativos às correspondências estabelecidas seriam válidos somente entre uma determinada língua e a sua tradição lexicográfica, não havendo possibilidade de transposição desses dados a outras línguas, com suas respectivas tradições. Essa última restrição se justifica, por exemplo, pela distinta produtividade dos compostos entre as línguas.

Uma abordagem funcional, por outro lado, classifica os dicionários de acordo com uma função, como o ensino-aprendizagem (conforme a classificação de Engelberg; Lemnitzer (2004, apud BUGUEÑO MIRANDA, 2014) – cf. item 1.1.3 para mais detalhes sobre essa classificação). A respeito dessa abordagem, e mais especificamente sobre a classificação de Engelberg;Lemnitzer (2004), há duas restrições. A primeira consiste no fato de que somente a função de ensino-aprendizagem pôde ser identificada claramente. Para que sua proposta pudesse também ser aplicada a obras que não estão associadas à função de ensino-aprendizagem, os autores optaram por incluir ainda outros parâmetros de classificação, não relacionados à função. A segunda restrição se refere a não consideração de critérios de imanência linguística, como monolíngue e bilíngue, algo que deixa a classificação confusa e, por vezes, ambígua.

Uma abordagem linguística, por sua vez, classifica os dicionários de acordo com critérios de imanência linguística, tais como o número de línguas (monolíngue / bilíngue), as formas de organização das palavras no discurso (discurso livre / discurso repetido), a perspectiva do ato da comunicação (semasiologia / onomasiologia), a perspectiva do signo linguístico (ênfase no significante / ênfase no significado), entre outros. Assim como as duas abordagens anteriores, a linguística também possui restrições, ou, melhor dito, uma restrição. Nesta abordagem não estão previstos critérios para a inclusão de obras de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, o que falta é o critério funcional de ensino-aprendizagem de línguas, presente na abordagem funcional.

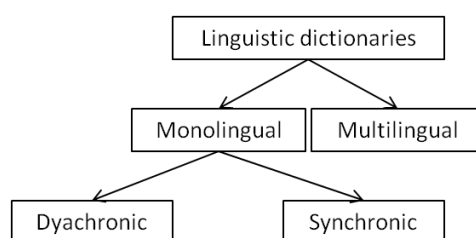
Subordinados às três abordagens anteriores, existem dois modelos de classificação de obras lexicográficas: tipologia e taxonomia.

Segundo Bugeño Miranda (2013), uma tipologia é um modelo de classificação de caráter inclusivo, que organiza obras lexicográficas através de conjuntos densos. Cada conjunto reúne obras que compartilham um determinado traço predominante, denominado

protótipo. Um exemplo de tipologia é a classificação apresentada por Hartmann; James (2001, s.v. *typology*).

Por outro lado, uma taxonomia organiza-se a partir de um sistema de critérios, dos mais gerais aos mais específicos, representados através ramificações. Na extremidade inferior das ramificações poderão estar situadas as obras lexicográficas que obedecem ao conjunto de critérios que as antecedem na taxonomia. Para ilustrar o modo como se organiza uma taxonomia, fornecemos o seguinte exemplo, que é um excerto da taxonomia presente em Swanepoel (2003):

DIAGRAMA 1 – EXCERTO DA CLASSIFICAÇÃO DE SWANEPOEL (2003)



FONTE: Swanepoel (2003).

NOTA: Este diagrama contém parte da classificação de Swanepoel (2003).

No excerto, a partir da classe dicionários de linguística [*linguistic dictionaries*], derivam as subclasses monolíngue / multilíngue [*monolingual / multilingual*]; e de monolíngue, por sua vez, derivam as subclasses diacrônico [*dyachronic*] e sincrônico [*synchronic*]. Os critérios envolvidos são de imanência linguística (diferenciação quanto ao número de línguas e concepção diassistêmica da linguagem), e são mutuamente excludentes entre si. Dessa forma, uma obra que esteja compilada sob os critérios dicionário linguístico monolíngue sincrônico se diferenciará claramente de outra que esteja compilada sob os critérios dicionário linguístico monolíngue diacrônico.

As vantagens ou desvantagens advindas da utilização desses modelos ficam mais claras a partir das noções de genótipo e fenótipo lexicográfico, que nada mais são que duas distinções qualitativas atribuídas a cada dicionário. Um genótipo lexicográfico corresponde a um dicionário tido como um expoente, por obedecer plenamente a uma matriz de traços, reunindo todos os atributos da classe na qual está inserido. Um fenótipo, por sua vez, equivale a um dicionário que não apresenta a totalidade de traços necessários, geralmente por ser concebido para cumprir mais de uma função, e que acaba sendo difuso (BUGUEÑO MIRANDA, 2008).

Em se tratando de uma taxonomia, ou seja, de um modelo seletivo, no qual não se almeja a exaustividade, a distinção entre genótipos e fenótipos é fundamental. Para o estabelecimento de um modelo de classificação taxonômico, dentre os dicionários disponíveis

em uma tradição lexicográfica, avaliam-se e elegem-se genótipos para cada classe de dicionário. Já para uma tipologia, a diferenciação entre genótipos e fenótipos é desnecessária, por tratar-se de um modelo inclusivo. Uma tipologia aloja com mais facilidade as obras fenotípicas. No entanto, essa característica pode tornar tal modelo confuso para aquele que o consultar, pois há casos em que, devido ao caráter difuso de algumas obras fenotípicas, um mesmo fenótipo é incluído em duas ou mais classes diferentes (cf. item 1.1.4 para exemplos de fenótipos presentes em mais de uma classe).

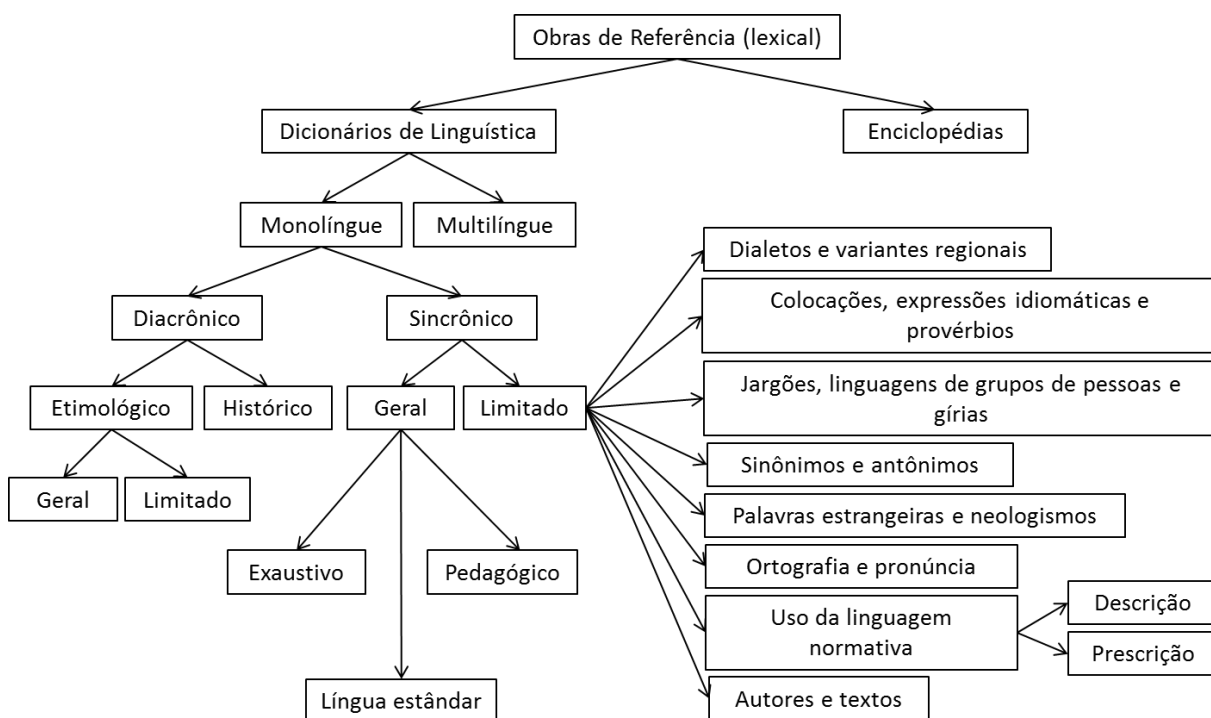
3.1 Propostas de classificação de obras lexicográficas

A partir do exposto anteriormente, serão apresentadas algumas propostas de classificação de obras lexicográficas: Swanepoel (2003), Welker (2004), Engelberg; Lemnitzer (2004), Haensch; Omeñaca (2004) e Bugueño Miranda (2014).

3.1.1 Swanepoel (2003)

A classificação sugerida por Swanepoel (2003) pode ser visualizada através do diagrama abaixo:

DIAGRAMA 2 – CLASSIFICAÇÃO DE SWANEPOEL (2003)



FONTE: Swanepoel (2003).

NOTA: Este diagrama é uma síntese da classificação de Swanepoel (2003).

A proposta inicia a partir da distinção *obras de referência (lexical)* [(lexical) reference works]. De acordo com o autor, os dicionários são organizados através de várias classes e subclasses, como monolíngue / multilíngue [*monolingual / multilingual*], sincrônico / diacrônico [*synchronic / dyachronic*], geral / limitado [*general / limited*], entre outras. Ainda que o autor se refira à sua classificação como sendo uma tipologia, o sistema de ramificações em classes de natureza não ambígua e a eleição de obras de referência de caráter genotípico para ilustrar cada classe, são aspectos característicos de um modelo taxonômico. Em relação à abordagem escolhida, é evidente a opção linguístico-funcional, por ser uma classificação orientada em grande parte por critérios de imanência linguística e, ao mesmo tempo, pela presença da função de ensino-aprendizagem (classe de dicionários pedagógicos [*pedagogical dictionaries*]).

Algumas classes presentes nessa proposta podem gerar certa dúvida em relação à sua inclusão. Trata-se das classes enciclopédias [*encyclopaedias*] e autores e textos [*authors and texts*]. Em relação às enciclopédias, é difícil avaliar essa classe de obras por não haver critérios claros para elaboração e avaliação das informações contidas nos verbetes. O autor afirma apenas que “a entrada em uma enciclopédia normalmente fornece uma descrição de todos os fatos que podem ser associados à entrada”¹¹, uma orientação que, tanto para um compilador como para um avaliador de dicionários, pode ser considerada demasiado vaga.

Já a classe *autores e textos*, referente a glossários de textos específicos, possui uma nomenclatura ambígua. Não é possível aferir se se trata do idioleto de um autor ou do idioleto que um autor utilizou em seu texto, por exemplo. De maneira geral, é confusa a inclusão de tantas e tão variadas classes de dicionários (idioletos, socioletos, sinônimos, pronúncia, etc.) em uma mesma ramificação (limitados), sem fazer maiores distinções entre tais classes.

Por um lado, a proposta taxonômica de Swanepoel (2003) é bastante relevante devido à aplicação de critérios de imanência linguística. Por outro lado, a inclusão de algumas classes pode gerar dúvidas no momento de analisar, avaliar e estabelecer genótipos.

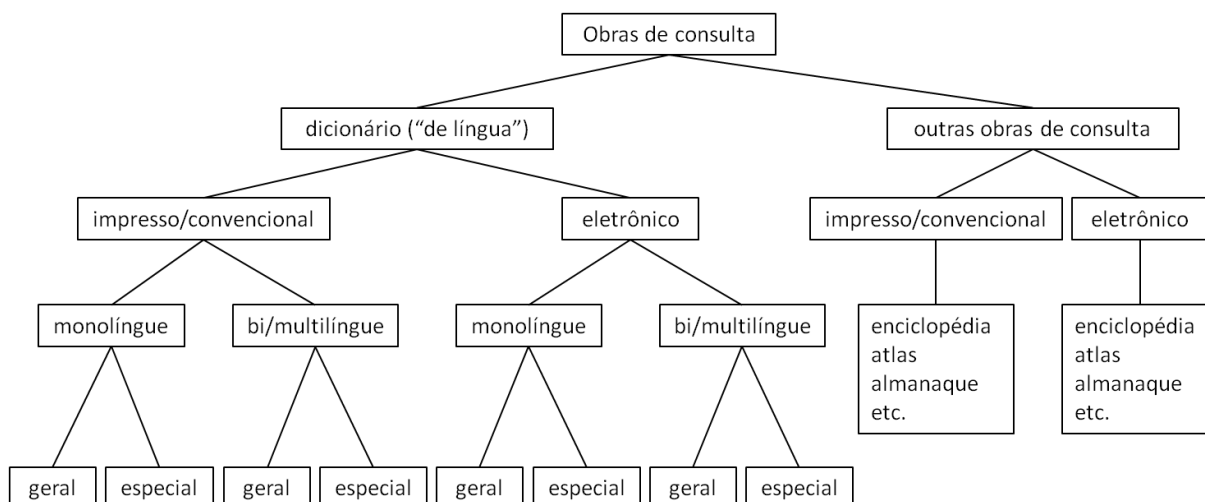
3.1.2 Welker (2004)

Welker (2004), inserido nas pesquisas lexicográficas brasileiras, apresenta uma série de propostas de classificação de dicionários para então propor uma classificação de sua autoria (ver diagrama na página seguinte). Essa classificação inicia a partir da categoria *obras*

¹¹ [the entry in an encyclopaedia normally provides a description of all the facts that can be associated with the entry].

de consulta, que subdivide-se entre *dicionário* (“de língua”) e *outras obras de consulta*. Em seguida, essas duas subdivisões são ramificadas em *impresso/convencional* e *eletrônico*, *monolíngue* / *bi/multilíngue*, e *geral* / *especial*.

DIAGRAMA 3 – CLASSIFICAÇÃO DE WELKER (2004)



FONTE: Welker (2004).

NOTA: Este diagrama é uma síntese da classificação de Welker (2004).

Através do sistema de oposição de categorias, poder-se-ia identificar essa proposta como taxonômica. Porém, em primeiro lugar, há que considerar que não estão presentes os resultados das matrizes de traços apresentadas; em outras palavras, resta a dúvida de como se representa cada matriz em uma classe de dicionário. Em segundo lugar, as definições do que seriam dicionários gerais e especiais são vagas e, por vezes, imprecisas. Um exemplo disso é a ambiguidade presente na classificação atribuída aos dicionários de aprendizes. Esses dicionários, por um lado, são classificados pelo autor como dicionários especiais; por outro lado, se adéquam às mesmas distinções relativas à classe de dicionários gerais apontadas pelo próprio autor: estrutura alfabética, sincrônica, que lematize elementos da língua contemporânea e lexemas da língua comum (WELKER 2004, p. 43).

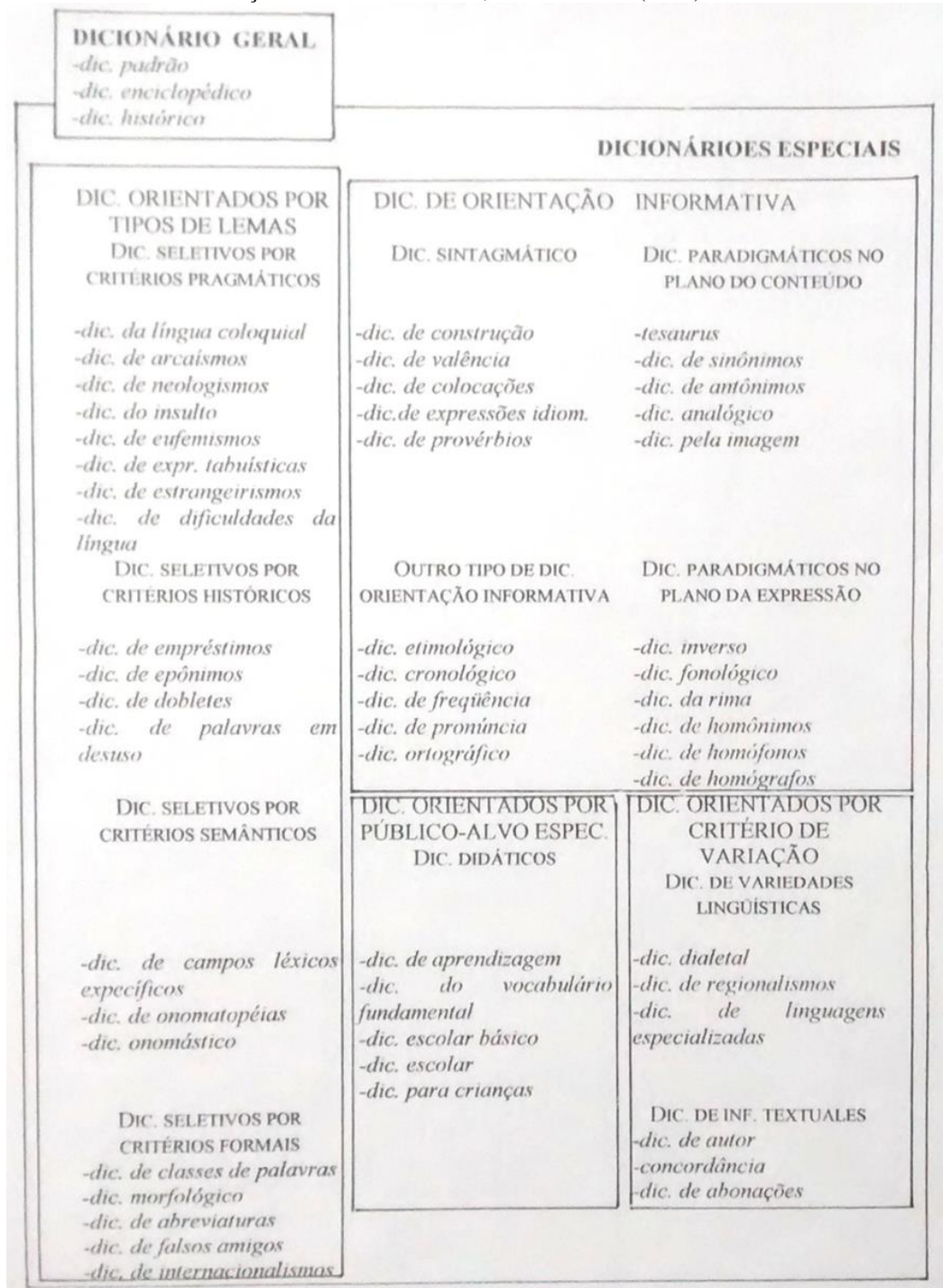
Outras observações que podem ser apontadas dizem respeito à abordagem da classificação e aos dicionários monolíngues e bilíngues. Em primeiro lugar, a natureza dos critérios de distinção entre dicionários impressos/convencionais e eletrônicos é de caráter impressionista. O autor argumenta que “a divisão é muito importante porque já existem muitos dicionários eletrônicos [...], e no futuro, todos poderão ter esse formato” (*ibid*). Tal afirmação carece de uma avaliação comparativa da qualidade do conteúdo de dicionários veiculados por esses suportes. O simples fato de as obras veiculadas por suporte eletrônico estarem em ascensão e a possibilidade de serem todas, futuramente, segundo o autor, publicadas através desse suporte, não significam dizer que necessariamente exista uma

diferença em termos qualitativos e de conteúdo entre obras impressas e eletrônicas, mas sim, diferenças em relação à estrutura de acesso.

3.1.3 Engelberg; Lemnitzer (2004)

A classificação de Engelberg; Lemnitzer (2004) pode ser visualizada a seguir:

DIAGRAMA 4 – CLASSIFICAÇÃO DE ENGELBERG; LEMNITZER (2004)



FONTE: Engelberg; Lemnitzer (2004).

NOTA: Este diagrama é uma síntese da classificação de Engelberg; Lemnitzer (2004).

Conforme o exposto anteriormente, essa classificação é de caráter funcional. A delimitação de uma função está intrinsecamente relacionada à delimitação de um perfil de usuário. No entanto, os estudos a respeito do perfil de usuário são, todavia, iniciais. De fato, conforme Bogaards (2003), durante a década de 1980 os estudos para aferir perfis de usuários de dicionários apresentaram diversas falhas. De acordo com o autor, em geral eram utilizados questionários como metodologia para tais estudos, com perguntas a respeito da frequência com a qual se utiliza um dicionário, o que é mais visualizado, com quais objetivos se havia recorrido a uma obra de referência e o grau de satisfação após a consulta. Ao analisar os estudos que surgiram a partir desses questionários, o autor constatou que

“em alguns casos havia grupos de sujeitos não homogêneos ou muito limitados; em outros casos, algumas questões estavam bastante vagas, ou a análise dos dados era superficial, ou então o (tipo de) dicionário não estava claramente especificado. Além disso, é sabido que o que as pessoas realmente fazem pode estar muito longe daquilo que dizem que fazem quando entrevistados” (BOGAARDS 2003, p. 38)¹².

Dentre as pesquisas mais recentes a respeito dos usuários de dicionários, destacam-se Atkins; Rundell (2008). Os autores fornecem uma série de aspectos para o estabelecimento do perfil de usuário, reunidos sob três parâmetros, já mencionados anteriormente no capítulo 1: tipos de usuário, tipos de uso e conhecimento prévio. Ao discorrer sobre os tipos de usuário, os autores consideram a situação de uso da obra de referência, citando como exemplos os âmbitos educacional, doméstico e profissional. Na realidade, desses três âmbitos, apenas o educacional permite aclarar as demandas linguísticas dos usuários envolvidos, a partir das suas demandas curriculares. É justamente esse o único âmbito que pôde ser identificado e considerado, para efeitos da classificação de Engelberg; Lemnitzer (2004), para representar o caráter funcional, através da classe *dicionários didáticos*. É necessário salientar ainda que, não obstante o estabelecimento da função de ensino-aprendizagem, permanecem dúvidas em relação à distinção da classe de *dicionários para crianças* e o seu reconhecimento como uma classe específica de dicionários (BUGUEÑO MIRANDA, 2014).

Como consequência da identificação de apenas uma função, os autores recorreram a outros parâmetros de classificação, como *tipos de lemas* e *orientação informativa*, de modo que fosse possível incluir outras classes de obras lexicográficas. A não consideração de alguns parâmetros de imanência linguística, como distinção por número de línguas e perspectiva do ato da comunicação, por exemplo, e a utilização de critérios isolados, tais como os descritos

¹² [In some cases there were non-homogeneous or very limited subjects groups, in other cases some questions were rather hazy, or the analysis of the data was superficial, or else the (type of) dictionary was not clearly specified. In addition, it is well known that what people really do may be a far cry from what they say they do when interviewed.]

acima, atribuem um caráter incompleto à classificação. Além disso, são incluídas algumas classes que parecem ambíguas, tais como *dicionários de estrangeirismos* e *dicionários de internacionalismos* – ambas em distintas ramificações, mas sem uma diferenciação clara entre si; e ainda outras classes que pressupõem uma variada gama de obras, atreladas a critérios imprecisos de elaboração e avaliação, tais como *dicionários de autor* e *dicionários de abonações*.

3.1.4 Haensch; Omeñaca (2004)

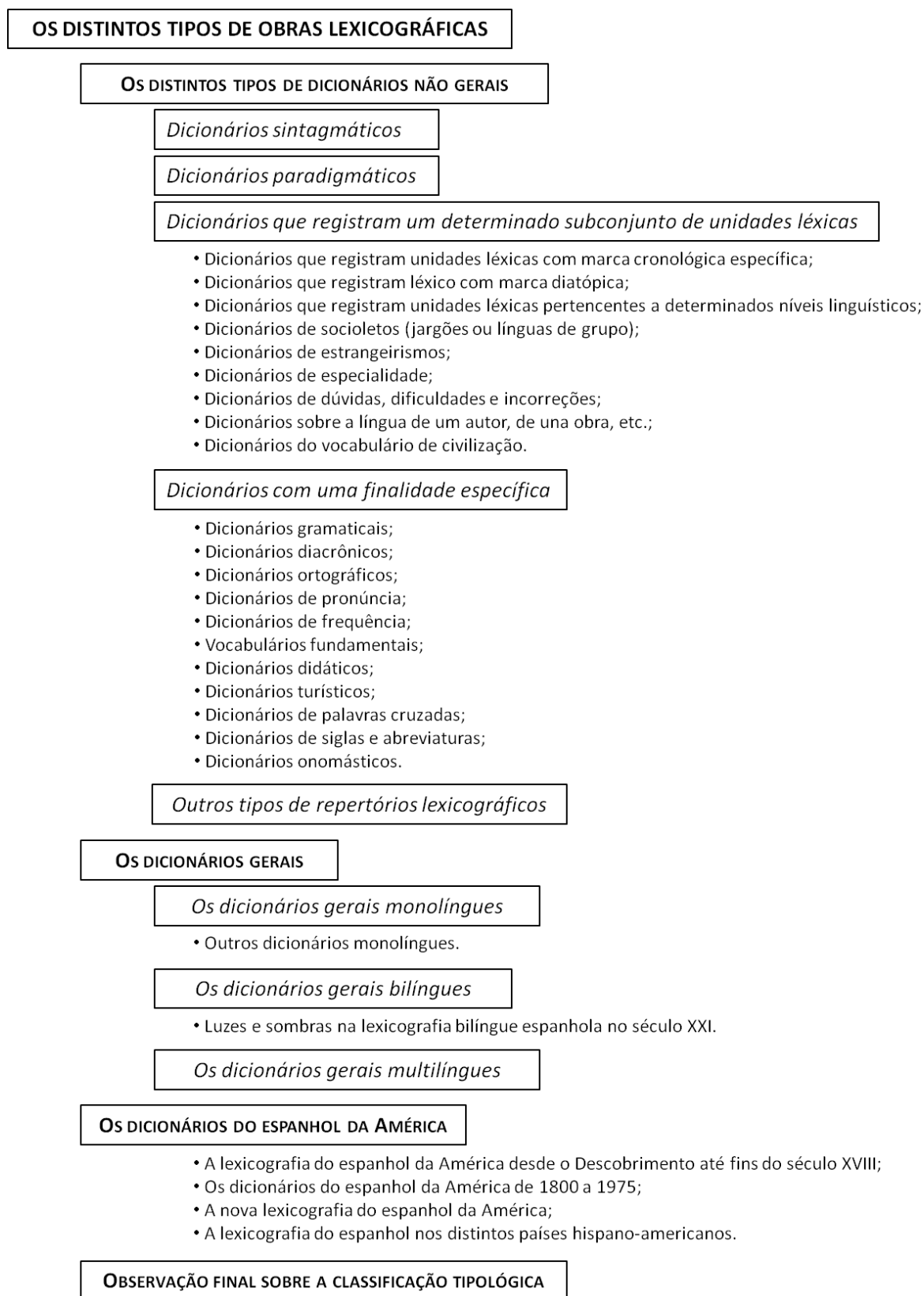
Os autores propõem uma classificação e ao mesmo tempo projetam-na sobre a lexicografia de língua espanhola (é possível visualizar parte dessa classificação em um diagrama presente na próxima página).

Os autores inicialmente fazem três grandes distinções: *dicionários não gerais* [diccionarios no generales], *dicionários gerais* [diccionarios generales] e *dicionários do espanhol da América* [diccionarios del español de América]. Em relação à terceira distinção, não fica claro o motivo que levou os autores a apresentar esses dicionários como uma distinção em separado (ao invés de incluí-los na categoria que lhes cabia – *dicionários que registram léxico com marca diatópica*).

Destacamos também duas distinções que poderiam confundir-se entre si: *dicionários que registram um determinado subconjunto de unidades léxicas* e *dicionários com uma finalidade específica*. Alguns dos dicionários incluídos na segunda distinção, como os *dicionários de siglas e abreviaturas* e os *dicionários onomásticos*, poderiam também ser considerados como obras que registram um determinado subconjunto de unidades léxicas.

Algumas distinções, como *dicionários de socioletos (jargões ou línguas de grupo)*, e *dicionários sobre a língua de um autor, de uma obra etc.*, já foram comentadas nas propostas de classificação anteriores (ver itens 3.1.1 e 3.1.3).

DIAGRAMA 5 – CLASSIFICAÇÃO DE HAENSCH; OMEÑACA (2004)



FONTE: Haensch; Omeñaca (2004).

NOTA: Este diagrama é uma síntese da classificação de Haensch; Omeñaca (2004).

Por fim, é pertinente salientar a inclusão de uma mesma obra em mais de uma subclassificação, fato reconhecido pelos próprios autores (HAENSCH; OMEÑACA 2004, p. 316). É o caso das obras *Arniches y el habla de Madrid* (1970) e *Diccionario de ecuatorianismos en la literatura* (1992). *Arniches y el habla de Madrid* (doravante AHM, 1970) possui ao mesmo tempo um caráter sintópico, já que se considera apenas o dialeto de Madrid, e idioletal, por considerar unicamente o falar do comediógrafo Arniches. Esses dois traços conferem à obra um caráter difuso e fenotípico, e acabam por dificultar a sua classificação. Não fica claro, em primeiro lugar, o motivo que levou o autor de AHM (1970) a estabelecer uma correlação entre esses traços; e, em segundo lugar, o objetivo que o dicionário deveria cumprir. Os autores, por sua vez, manifestam essa dificuldade incluindo AHM (1970) em duas subcategorias diferentes – *dicionários que registram léxico com marca diatópica* e *dicionários sobre a língua de um autor, de uma obra, etc.*

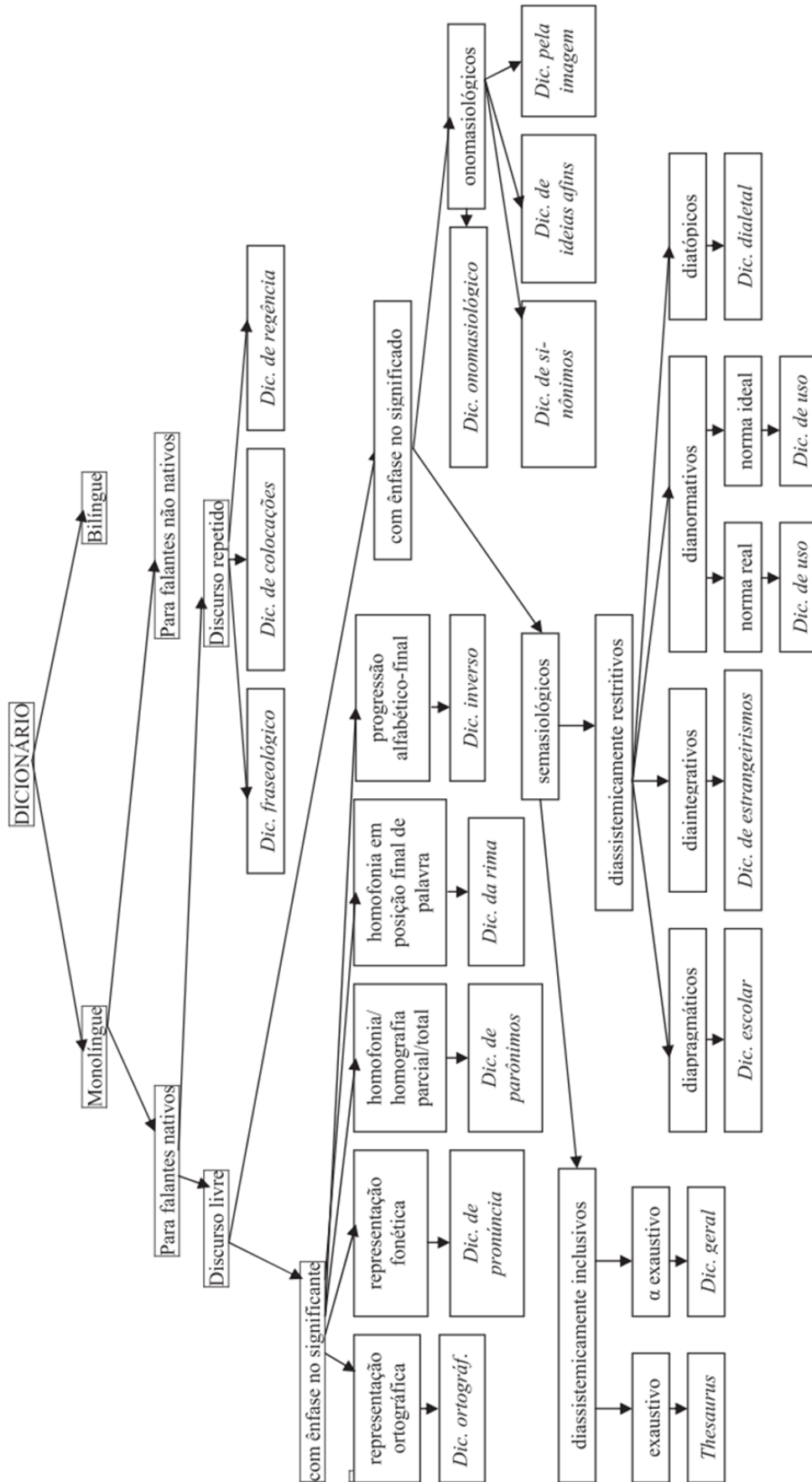
No *Diccionario de ecuatorianismos en la literatura* (doravante DEL, 1992), podem ser identificados os traços sintópico (foco exclusivo na variedade equatoriana da língua) e sinfásico (foco exclusivo na variedade literária – de caráter estético e sofisticado). Assim como em AHM (1970), o autor de DEL (1992) não esclarece o motivo que o levou a relacionar esses traços e ainda qual o objetivo da obra.

O caráter difuso apresentado pelo dicionário se reflete, novamente, na sua classificação sob duas subcategorias distintas: *dicionários sobre a língua de um autor, de uma obra, etc.* e *lexicografía do espanhol nos distintos países hispano-americanos*.

3.1.5 Bugeño Miranda (2014)

Bugeño Miranda (2014) apresenta uma proposta de classificação sob uma abordagem linguístico-funcional: linguística, porque considera critérios de imanência linguística, tais como o número de línguas (monolíngue / bilíngue), a forma de organização das palavras no discurso (discurso livre / discurso repetido), a ênfase informativa, sob a perspectiva do signo linguístico (plano do significante / plano do significado), a perspectiva do ato da comunicação (semasiologia / onomasiologia) e a concepção diassistêmica da linguagem (representação do léxico diassistemicamente inclusivo / representação do léxico diassistemicamente restritivo); funcional, porque considera que existem competências e tarefas distintas de acordo com o público-alvo (falantes nativos / falantes não-nativos). Dentro do âmbito das obras para falantes nativos, o critério de funcionalidade volta a manifestar-se no âmbito dos dicionários diaprágmaticos, cujo genótipo é o dicionário escolar. Na próxima página segue o diagrama:

DIAGRAMA 6 – CLASSIFICAÇÃO DE BUGUEÑO MIRANDA (2014)



FONTE: Bugueño Miranda (2014, p. 228).

Nessa classificação, na medida em que se inserem os critérios elencados anteriormente, as classes mais genéricas se ramificam em subclasses mais específicas, mutuamente excludentes e não ambíguas. As extremidades inferiores das ramificações, por sua vez, são resultado das matrizes de traços que as antecedem, o que permite o estabelecimento de genótipos lexicográficos. As características envolvidas são, portanto, próprias de um modelo taxonômico de organização.

É pertinente apresentar ainda algumas observações realizadas pelo autor a respeito de dois pontos da classificação que poderiam gerar dúvidas. Em primeiro lugar, a falta de espaço no diagrama apresentado por Bugueño Miranda (2014, p. 228) não permitiu a elaboração de um esquema mais abrangente para os dicionários bilíngues e para os dicionários para falantes não nativos. Mais especificamente em relação aos dicionários bilíngues, a complexidade do tema exige, de acordo com o autor, um estudo exclusivo sobre classe de dicionários.

Em segundo lugar, os expoentes elencados nas extremidades inferiores das ramificações podem, por um lado, não encontrar realização em algumas tradições; ou, por outro lado, algumas tradições podem apresentar expoentes lexicográficos além dos já apresentados na taxonomia.

3.2 Proposta de elaboração de um panorama da Lexicografia Hispânica

Um panorama lexicográfico nada mais é que a aplicação de uma classificação de dicionários sobre determinada tradição lexicográfica. Encontramos exemplos de panoramas em Bugueño Miranda (2008) – referente à lexicografia alemã – e Bugueño Miranda (2011) – referente à lexicografia brasileira de orientação semasiológica. Ambos apresentam a aplicação de versões anteriores e ainda não definitivas da taxonomia do autor; logo, não refletem totalmente a proposta final contida em Bugueño Miranda (2014).

No capítulo 1, refletiu-se sobre a necessidade de um panorama da lexicografia hispânica: por um lado, há uma grande oferta de obras, tanto de suporte impresso como eletrônico; por outro, há uma carência de estudos a respeito dos dicionários dessa tradição. De modo a cumprir o primeiro objetivo deste trabalho, será apresentado no próximo capítulo um panorama da lexicografia de língua espanhola, elaborado a partir da aplicação da taxonomia de Bugueño Miranda (*ibid*) sobre os dicionários da tradição hispânica.

4 PANORAMA DA LEXICOGRAFIA HISPÂNICA

Neste capítulo, apresentaremos um panorama da Lexicografia Hispânica, que resulta da aplicação da taxonomia de Bogueño Miranda (2014) aos dicionários monolíngues de espanhol pertencentes tanto à lexicografia oficial como à lexicografia não oficial. O conceito de lexicografia oficial, introduzido por Alvar Ezquerro (1992), é atribuído à RAE por essa ser a instituição oficial que visa orientar em relação ao uso da língua. O expoente máximo dessa tradição é o DRAE (2014). Também formam parte da lexicografia oficial os demais dicionários compilados pela RAE, como o *Diccionario Esencial de la Lengua Española* (EsLE, 2006)¹³, o *Diccionario del Estudiante* (DE, 2005), o *Diccionario Práctico del Estudiante* (DiPE, 2007)¹⁴, o *Diccionario Panhispánico de Dudas* (DPD, 2005), e o *Diccionario de Americanismos* (DA, 2010), compilado pela Asociación de Academias de la Lengua Española (ASALE). Por outro lado, se o autor aponta para a existência de uma tradição lexicográfica oficial, é possível inferir que exista também uma tradição lexicográfica de caráter não oficial. Essa outra tradição é representada pelas editoras espanholas e hispano-americanas, que, através de iniciativa privada, publicam dicionários de espanhol. Alguns expoentes dessa tradição estão presentes no panorama aqui apresentado, como o *Diccionario de Uso del Español* (DUE, 2001) e o *Diccionario del Español Actual* (DEA, 1999), o *Diccionario de Ideas Afines* (DIA, 1985).

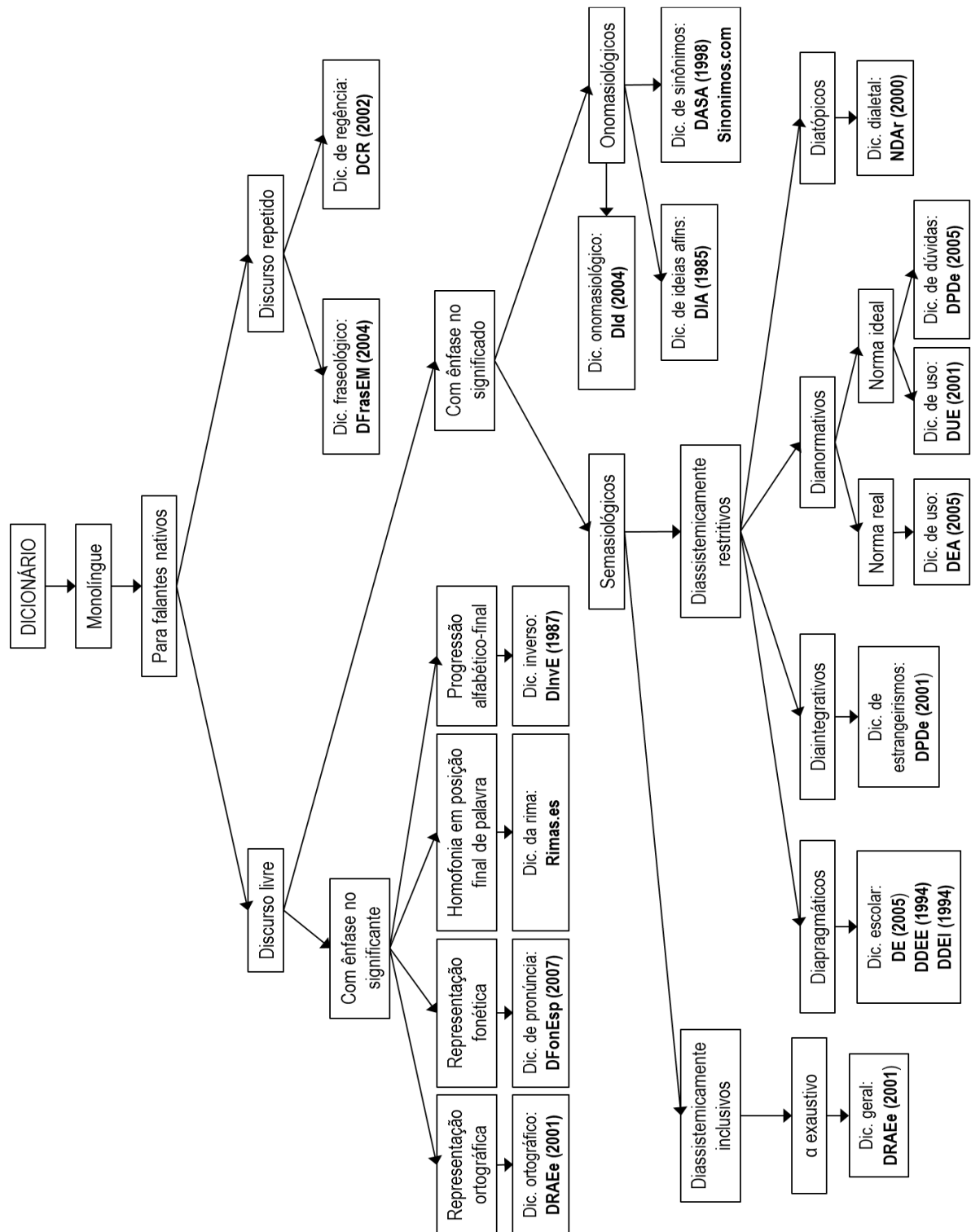
A diferença entre a tradição lexicográfica oficial e a não oficial estriba-se ainda no fato de que a segunda costuma compilar seus dicionários utilizando parcialmente (ou, em alguns casos, não utilizando) as informações contidas no DRAE (2001). Dessa forma, em alguns casos, os critérios de seleção e organização de informações nos componentes canônicos dos dicionários (mais precisamente, a macro-, a micro- e a medioestrutura) são bastante semelhantes aos do dicionário acadêmico.

O diagrama completo com o panorama da Lexicografia Hispânica pode ser visualizado na página a seguir:

¹³ O EsLE (2006), através de adições e supressões de verbetes e acepções, representa um meio-termo entre a 22ª e a 23ª edição do DRAE, que é a atual edição.

¹⁴ O DiPE (2007) é uma versão exclusiva do *Diccionario del Estudiante* (DE, 2005) para os estudantes hispano-americanos. Essa obra corresponde apenas aos usos americanos e é vendida somente na América, enquanto que o DE (2005) é vendido tanto na Espanha como na América.

DIAGRAMA 7 – PANORAMA DA LEXICOGRAFIA HISPÂNICA



FONTE: Elaboração própria.

Um aspecto importante a ser ressaltado a respeito deste panorama são as diferenças entre os dicionários de espanhol existentes, os dicionários de espanhol disponíveis no Brasil e os dicionários de espanhol aos quais o professor e os alunos poderiam ter acesso (o primeiro na tarefa de analisar e indicar uma obra, e o segundo na tarefa de adquirir a obra indicada). A

relação entre os dicionários encontrados nas bibliotecas ou na Internet (cf. Apêndices A-E) e os dicionários incluídos no panorama nem sempre será direta. Em decorrência disso, há quatro situações que coexistem no estabelecimento deste panorama:

- a) dicionários que estão presentes em um ou mais acervos e que, a partir de uma avaliação com resultado positivo, foram incluídos no panorama;
- b) dicionários incluídos no panorama e disponíveis no Brasil, mas que não estão presentes nos acervos citados¹⁵;
- c) dicionários incluídos no panorama, mas disponíveis apenas fora do Brasil;
- d) dicionários disponíveis nos acervos citados, mas não incluídos no panorama (ou por avaliação com resultado negativo, ou porque tampouco se pretende estabelecer uma taxonomia de caráter exaustivo a respeito da Lexicografia Hispânica).

Cabe ressaltar ainda que, da taxonomia de Bugueño Miranda (2014), não incluímos os dicionários bilíngues e os dicionários para falantes não nativos porque não existem genótipos na língua espanhola para essas classes de dicionários. Em vista disso, eliminamos essas ramificações do diagrama.

A seguir, apresentamos cada dicionário incluído no panorama. Uma versão parcial do mesmo estará disponível em Bugueño Miranda; Borba (2015).

4.1 Dicionário fraseológico: DFrasEM (2004)

Inserido no âmbito do discurso repetido, este é um genótipo de dicionário fraseológico do espanhol, classe voltada para a compreensão textual. S.v. *laurel* abaixo é um exemplo de como as informações estão organizadas nos verbetes:

laurel **descansar/dormir(se) u.p. en/sobre los laureles** (f.) *Abandonarse, cejar después de haber logrado algún triunfo o éxito: «Cuando era joven escribía casi un libro todos los años; ahora parece que se ha dormido sobre los laureles y se contenta con algún que otro artículo».*

A estrutura de acesso do DFrasEM (2004) é não linear, pois o lema *laurel* está presente na última posição da expressão. Do ponto de vista do ensino-aprendizagem, é possível que essa classe de dicionário seja melhor aproveitada por estudantes de níveis mais

¹⁵ Nesse caso, sobrepassa os limites deste trabalho estabelecer a quais obras um professor porto-alegrense de espanhol teria acesso. Para ilustrar esse cenário, é conveniente citar um estudo de caso a respeito do uso de dicionários em uma cidade da China, elaborado por Hartmann (2001, p. 144). O estudioso aponta que os resultados poderiam variar se tal estudo fosse aplicado em outras regiões do país ou em outros países. Tal apontamento se enquadra também neste trabalho, na medida que os resultados aqui apresentados poderiam também variar caso fossem obtidos em outras cidades, estados ou países.

avanzados, pois estudantes de níveis iniciais poderiam ter dificuldade em encontrar o que buscam a partir de uma organização não linear.

Este dicionário pode ser encontrado no Brasil, mas não está presente nos acervos consultados.

4.2 Dicionário de colocações

Infelizmente, a tradição lexicográfica de língua espanhola não conta com um dicionário específico de colocações que possa servir de genótipo para essa classe do âmbito do discurso repetido. Pode-se dizer que o DiCE (1999-) seja o único dicionário de colocações disponível; porém, está incompleto por considerar somente o âmbito dos sentimentos.

Uma obra que merece observação especial, ainda que não possa ser incluída no panorama por não tratar especificamente das colocações, é o DCEC (2004). Trata-se de um dicionário combinatório, que inclui casos de colocações, regências e o potencial de combinatória entre as palavras (a partir da teoria do léxico gerativo). S.v. *empujón* é um exemplo de como se organizam as informações nessa obra, que claramente está voltada para a produção textual:

empujón ♦ brusco⁶⁰, contundente, decisivo, definitivo, económico, final, financiero, fuerte, importante, inicial, ligero, necesario, pequeño, súbito, violento ♦ aguantar dar²²⁸, esquivar, necesitar, pegar¹⁵, propinar, recibir, resistir, sufrir □ Véase también: golpe (de), impulso.
Hasta los huesos loc.adv. ■ Se combina con...
A VERBOS QUE DENOTAN LA ACCIÓN O EL PROCESO DE MOJARSE: 1 **calar(se)** ++: Cuando llegó a la meta, calado *hasta los huesos*, fue explícito tratando de abrirse paso en busca del autobús de Banesto, EME050796 2 **mojar-se(se)** +: ... la multitud que se mojó *hasta los huesos* para quedarse a revolotear el poncho con ella no se puede anotar como una derrota...CLA140199 3 **empapar(se)**:...los únicos que se empaparon *hasta los huesos* fueron quienes habían pagado las entradas más caras...EME 070796 4 **enfangar-(se)** -: Lo hacían enfangados *hasta los huesos* en costas habitadas por cerca de 400.000 personas...EPE301299
B OTROS VERBOS; POSIBLES USOS ESTILÍSTICOS: ...pero aún así nos conmovimos *hasta los huesos* con el llanto de Anthony Hopkins...EME240594; ... hace que un país esquilmado *hasta los huesos* rumie una rabia sorda e impotente... EME180394
 □ Véase también: **hasta el cuello, hasta el tuétano, hasta las cejas.**

Em relação ao âmbito do ensino-aprendizagem, uma consulta a essa obra poderia resultar complexa para um estudante de níveis iniciais, devido à grande quantidade de segmentos informativos incluídos.

Por fim, quanto à disponibilidade, o DiCE (1999-) pode ser encontrado na Internet (cf. Apêndice E) e o DCEC (2004) está disponível apenas fora do Brasil.

4.3 Dicionário de regência: DCR (2002)

A única obra dessa classe pertencente ao discurso repetido é o DCR (2002), que auxilia no âmbito da produção textual. O fenômeno das regências no espanhol, assim como no português, é excessivamente complexo, o que explica a baixa incidência de dicionários de regência. Um exemplo da disposição das informações na obra é s.v. *abstener*:

ABSTENER. v. **a)** Refrenar, tener á raya (*trans.*) (muy raro). «Enfrenar su lengua de toda parlería, y abstenga sus ojos de mirar á todas partes.» *Gran. Guía*, 2. 15, § 2 (R. 6. 144¹). (...) **b)** *Refl.* Mantenerse á distancia de alguna cosa, no tocarla ó probarla; negarse uno la ejecución, goce ó disfrute de algo que está á su alcance ó arbitrio. (En esta forma es muy usual.) «Nos privamos de lo propio; nos abstenemos de lo que está á nuestros alcances. El buen padre se abstiene de ir al teatro por asistir á su hijo enfermo; (...)» *Mora, Sinón.* p. 4. — a) Con *de* y un **infin.** «No tengo sufrimiento para me abstener de adorar tan alta empresa.» *Celest.* 6 (R. 3. 31¹). (...) b) Con *de* y un nombre. «Aquel gran sabio Salomón --- determinó abstenerse del vino, por entregarse del todo al estudio de la sabiduría.» *Gran. Orac. y consid.* 3. 2. 1, § 5 (R. 8. 182²). (...) g) *Absol.* «Los temerosos como los amorosos honran á Dios, allegándose por amor, y absteniéndose por temor.» *Gran. Sermón contra escándalos*, § 6 (R. 11. 53 (...)) **Etim.** Port. *abster*, **ant.** *abstener*; **cat.**, **mall.** *abstenir*; **val.** *abstindre*; **prov.** *abstener*, *abstenir*, *estener*; fr. *s'abstenir*; ital. *astenersi*: del **lat.** *abstinere*, **comp.** de *abs*, lo mismo que *ab*, que expresa separación, y *tenere*, tener. En el lugar de Herrera citado arriba dicen las ediciones *astiene*; acaso se omitiría la *b* como en italiano. V. BSOLVER. **Conjug.** La misma que *tener*: *abstengo*, *abstienes*, *abstiene*, *abstenemos*, *abstenéis*, *abstienen*; *abstení-a*, *as etc.*; *abstuv-e*, *iste etc.*; *abstendr-é*, *ás etc.*; *abstendria*, *as etc.*; *absteng-a*, *as etc.*; *abstuvies-e*, *es etc.*; *abstuvier-a*, *as etc.*; *abstuvier-e*, *es etc.*; *abstente*, *absteneos*; *absteniendo*; *abstenido*.

Cada artigo léxico apresenta uma ampla e complexa quantidade de informações, o que nos leva a crer que, da perspectiva do ensino-aprendizagem, dificilmente um estudante de espanhol conseguiria interpretá-las e aproveitá-las.

Este dicionário pode ser encontrado em versão eletrônica no acervo do Instituto Cervantes (cf. Apêndice D).

4.4 Dicionário ortográfico: DRAEe (2001)

Dentre as várias opções para essa classe de dicionário (já que os dicionários gerais de língua atendem as dúvidas de caráter ortográfico), optamos pelo DRAEe (2001), por conter a doutrina oficial. Por um lado, é através do lema o dicionário aponta quando duas formas coexistem e são igualmente aceitas (por exemplo, s.v.s. *bambu o bambuc*, *camarina o camariña*, *marcapaso o marcapasos*, *médula o medula*). Por outro lado, com o sistema de remissões, o dicionário indica quando uma forma é considerada token (menos utilizada ou de menor prestígio) ao fazer remissão a outro verbete, com a forma considerada type (canônica

ou de maior prestígio). Para esse último caso, são exemplos s.vs. *calorosamente*: v. *calurosamente*, *éxtasi*: v. *éxtasis*, *fríjol*: v. *fréjol*, *quilogramo*: v. *kilogramo*.

Contudo, é necessário salientar que, para alguns casos, as informações do dicionário são díspares se comparadas a outros recursos oferecidos pela RAE. Citamos o exemplo das formas *vídeo* e *video*. Nos verbetes emendados de acordo com os avanços para a edição atual do DRAE (disponível na íntegra apenas no formato impresso), s.v. *vídeo* remete a *video*, indicando que a primeira forma é token e a segunda, type. No entanto, o DPD (2005) lematiza s.v. *video* o *vídeo*, indicando que ambas são igualmente aceitas. Diante dessa disparidade de orientações, recorremos a uma terceira ferramenta, disponibilizada gratuitamente pela RAE: o *Corpus del Español del Siglo XXI* (CORPES XXI, 2014). Com o intuito de averiguar o número de ocorrências para cada forma, buscamos ambas nos registros do corpus. *Vídeo* apresentou 3.752 ocorrências, enquanto que *video* apresentou 5.153. Ora, os dados numéricos não permitem afirmar que *vídeo* seja pouco usada em comparação a *video*, como indica o DRAEe (2001); ao contrário, o que se pode inferir é que ambas formas coexistem no uso, conforme indica o DPD (2005). As informações díspares apresentadas pelo DRAEe (2001) são fruto de um aproveitamento parcial do CORPES XXI e do DPD (2005), conclusão que já se havia alcançado em outra oportunidade (BORBA, 2013b).

A edição do dicionário disponível para consulta é a 22^a, de 2001 (versão impressa cf. Apêndices A e D; versão eletrônica cf. Apêndice E). Até o momento, não tivemos acesso à edição atual (DRAE, 2014, 23^a edição), ainda que já esteja disponível no Brasil.

4.5 Dicionário de pronúncia: DFonEsp (2007)

A classe dos dicionários de pronúncia, assim como o dicionário ortográfico, está inserida no discurso livre com ênfase no significante. DFonEsp (2007) é um dos poucos dicionário de representação fônica disponíveis para o espanhol. Isso se deve ao fato de que há um grau significativo de convergência entre os sistemas fonológico e ortográfico da língua. As informações apresentadas são a transcrição fonética e a descrição fônica de cada elemento da unidade lematizada, tomamos s.v. *lid*:

lid [li^d] Realización del fonema /l/, *alveolar lateral fricativa sonora oral*: /l-/. Realización del fonema /l/ *anterior* (palatal) *sonora oral*, con variante alofónica del modo de articulación, *abierto* (por su distribución trabada) y *con suprasegmento fonológico acentual*: [i]. (...).

Pela significativa convergência entre as representações ortográfica e fonológica do espanhol, a consulta a um dicionário de pronúncia acaba por não ser primordial para o ensino-aprendizagem dessa língua.

O DFonEsp (2007) pode ser encontrado apenas fora do Brasil.

4.6 Dicionário de parônimos

Para compreender o fenômeno da paronímia na língua espanhola, utilizamos a definição de Alonso (1955, p. 1408): “vocabulo foneticamente semelhante a outro: *espirar* e *expirar*”¹⁶. Dito em outros termos, trata-se de uma homonímia parcialmente homofônica. São poucas as obras que tratam desse fenômeno, de modo que não pudemos eleger um genótipo para essa classe.

Do ponto de vista do ensino-aprendizagem, para um estudante seria mais útil um dicionário de falsos cognatos entre a sua língua materna e a língua estrangeira a ser estudada por ele. No caso específico do estudante brasileiro de espanhol, podemos citar um exemplo de dicionário bilíngue de parônimos: o NDFAE (2014). Por se tratar de um dicionário bilíngue, sua posição no panorama seria bastante anterior a essa.

4.7 Dicionário da rima: Rimas.es

Essa classe de dicionário possui a função de produção, mais especificamente de poemas. O dicionário do site *rimas.es*, por sua vez, permite que se digite a palavra a ser rimada (por exemplo, *abnegar*) para que em seguida se selecione a quantidade de letras em comum (entre duas e seis letras) que os resultados deverão apresentar em relação a essa palavra.

Da perspectiva do ensino aprendizagem, tendo em vista a alta especificidade dessa classe de obra, dificilmente um estudante brasileiro de espanhol viria a carecer de um dicionário de rima.

Por fim, *Rimas.es* está disponível gratuitamente na Internet (cf. Apêndice E).

¹⁶ [Vocablo fonéticamente parecido a otro: *espirar* y *expirar*]

4.8 Dicionário inverso: DInvE (1987)

Um dicionário inverso organiza a progressão leemática de acordo com um critério alfabético inverso, e auxilia nas buscas por sufixos ou terminações específicas. Um exemplo de dicionário inverso é o DInvE (1987), e parte da sua organização leemática pode ser visualizada no intervalo reproduzido abaixo:

faba
alfaba
algaba
haba
jabá
aljaba

Sob a perspectiva do ensino-aprendizagem, e dada a especificidade dessa classe de obra, é possível que um dicionário inverso seja de pouca utilidade para a resolução de dúvidas de um estudante brasileiro.

Por fim, o DInvE (1987) está disponível apenas fora do Brasil.

4.9 Dicionário onomasiológico stricto sensu: DId (2004)

Os dicionários pertencentes a essa classe pressupõem uma ontologia, e é a partir dessa ontologia que as informações seguintes são organizadas. No caso do DId (2004), há uma divisão em três partes: parte sinóptica (ontologia e quadros de cada grande área), parte analógica (listas de palavras) e parte alfabética (com a definição de cada termo contido no dicionário). Após a seleção do tema a ser consultado no esquema ontológico, o consulente é levado por um sistema de remissão a um quadro com informações detalhadas a respeito desse tema. A partir da localização da informação desejada, uma nova remissão conduz para a parte analógica, onde consta uma lista de palavras relacionadas ao assunto específico que motivou a consulta à obra. Caso desconheça o significado de alguma palavra sugerida na lista, o consulente pode recorrer à parte alfabética para resolver suas dúvidas.

A seguir, elaboramos um diagrama para ilustrar como funciona a consulta ao DId (2004):

DIENTE. 1. Pieza dental, p. dentaria, p. ósea, cuerpo duro, hueso*, huesecillo. Dientes: incisivo, colmillo o canino, premolar, molar, muela, m. del juicio, sobrediente, diente de leche, d. caduco, d. permanente. Dentición, dentadura, arcada dental.
— 2. Resalte, cresta, pico. V. PUNTA 1.

3. Partes. Corona, cuello, raíz, punta o cúspide; esmalte, marfil o dentina, pulpa o bulbo, cemento; nervio, arteria, vena, canal radicular; encía, mucosa, periostio, hueso, alveolo, cavidad; dentadura, dentición; arcada dental, maxilar, mandíbula, articulación*, boca*.

4. Enfermedades*. Caries, picadura, ulceración, putrefacción, perforación del diente, flemón, estomatitis, gingivitis, absceso, quiste, inflamación*, piorrea, sarro, melladura, picadura, afta, malformación, mala posición. Diente cariado, picado, perforado, ulcerado, podrido, agujereado, corroído, enquistado, mellado, roto; empastado, extraído.

5. Higiene dental. Cepillo de dientes, dentífrico, crema, pasta, polvos, enjuagatorio, colutorio, elixir, palillo o mondadientes, seda dental.

6. Odontología. Dentistería, estomatología, medicina* dental, especialidad, ciencia*, arte*, ortodoncia. Elementos: empaste, relleno, emplomado, amalgama, porcelana, corona, oro, platino, prótesis, dentadura postiza, puente, placa, gancho, espiga, extracción, anestesia.
(...)

Este dicionário pode ser acessado gratuitamente na Internet (cf. Apêndice E).

4.11 Dicionário de sinônimos: DASA (1998) e Sinonimos.com

Essa classe de dicionários é a mais conhecida dentro do âmbito dos dicionários onomasiológicos. No entanto, é necessário esclarecer que, dos tantos dicionários de sinônimos de língua espanhola disponíveis, muitos acabam por não auxiliar efetivamente o seu consulente. A razão para isso é que a maioria dos dicionários de sinônimos apresenta uma organização sinonímica acumulativa (cf. MLS (2010, s.v. *Synonymwörterbuch*)), na qual são lematizadas listas de sinônimos sem qualquer diferenciação semântica ou de uso entre os mesmos. São poucas as obras que auxiliam o seu consulente através de uma organização sinonímia discriminativa (cf. MLS (2010, *ibid*), ou seja, que diferenciam os sinônimos sugeridos entre si.

Como expoentes dessa classe de dicionários, e organizados a partir de uma sinonímia discriminativa, destacamos DASA (1998, s.v. *empresa*):

empresa *f* Proyecto, intento, designio. 2 Símbolo, lema, mote. En la antigua caballería, mote. 3 com. Sociedad*, compañía.

E ainda o dicionário online Sinonimos.com (s.v. *empresa*):

empresa *nombre*. 1. **compañía**: sociedad, firma, industria, casa, razón, social, comercio. 2. **tarea**: operación, trabajo, ocupación, acción, intento, tentativa.

DASA (1998) está disponível apenas fora do Brasil, e Sinonimos.com está disponível gratuitamente na Internet (cf. Apêndice E).

4.12 Dicionário pela imagem

Essa classe de dicionário envolve, em primeiro lugar, uma correspondência ontológica entre a língua materna e a língua estrangeira envolvida e, em segundo lugar, o fator discriminante das imagens.

Para a língua espanhola não existem dicionários pela imagem que sejam monolíngues, mas sim apenas bilíngues.

4.13 Dicionário exaustivo (thesaurus)

No âmbito dos dicionários diassistemicamente inclusivos (obras que lematizam uma grande massa léxica), encontra-se a classe dos dicionários exaustivos ou thesaurus. Dicionários dessa classe são compilados com o objetivo de incluir a totalidade do léxico de uma língua.

Para o espanhol, não há uma obra compilada sob essas dimensões.

4.14. Dicionário α exaustivo (dicionário geral de língua): DRAEe (2001)

Um dicionário α exaustivo diferencia-se de um dicionário exaustivo por restringir sua densidade macroestrutural sem apontar claramente os critérios envolvidos. O DRAEe (2001, s.v. *juglar*) pode ser considerado o principal expoente dessa classe:

juglar. (De *joglar*) 1. adj. Chistoso, picaresco. 2. adj. juglaresco. 3. m. En la Edad Media, hombre que ante el pueblo o los nobles y los reyes recitaba, cantaba o bailaba o hacía juegos, yendo de unos lugares a otros. 4. m. ant. Trovador, poeta.

Em relação ao ensino-aprendizagem de espanhol, o êxito do consulente depende diretamente da qualidade da redação das paráfrases explanatórias (cf. BUGUEÑO MIRANDA (2009) para esse conceito).

4.15 Dicionário escolar: DE (2005), DDEE (1994) e DDEI (1994)

No âmbito dos dicionários diassistemicamente restritivos, os dicionários escolares de língua espanhola estão amplamente disponíveis. Destacamos primeiramente o DE (2005), um exemplo de dicionário escolar compilado pela lexicografia oficial. Conforme já comentado no capítulo 2, os exemplos obtêm especial atenção, conforme se pode visualizar no s.v. *falsario*:

falsario, ria. adj. **1.** Que falsea. Tb. m. y f. *Detuvieron a unos falsarios que vendían como plata una aleación sin valor.* **2.** Que dice mentiras. Tb. m. y f. *Es un falsario: nada de lo que contó es cierto.* ➤ **2:** *MENTIROSO.

DDEE (1994) e DDEI (1994) são expoentes dessa classe de dicionários que foram compilados pela lexicografia não oficial. Além dos exemplos, ponto já comentado no capítulo 2, há uma grande quantidade de segmentos informativos. O DDEE (1994) apresenta lema, categoria gramatical, definição, exemplo, informação gramatical (para os casos em que o compilador julgue necessário), sinônimos e antônimos (caso existam) e família de palavras (caso exista). S.v. *abismo* ilustra parte desses segmentos:

abismo. [sustantivo masculino] **1** Lugar muy profundo y con mucho peligro: *Al borde de la carretera había un abismo y daba miedo mirar.* **2** Diferencia muy grande: *Entre esas mansiones que salen en las películas y las casas de la gente normal hay un abismo.* **3** [expresión] **al borde del abismo** En un gran peligro: *La crisis ha puesto a muchas empresas al borde del abismo.* □ SINÓNIMOS: vacío. FAMILIA: abismal.

Já o DDEI (1994) apresenta lema, categoria gramatical, marcas de uso, definição, exemplos, sinônimos (caso existam), locuções (caso existam) e notas gramaticais. S.v. *abismo* ilustra parte desses segmentos:

abismo. s.m. **1** Profundidad muy grande y peligrosa: *Miré al abismo desde el acantilado y me dio medo.* || [**al borde del abismo**; en un peligro muy grande: *Las drogas la pusieron al borde del abismo*]. **2** Diferencia muy grande: *Entre nuestras ideas hay un abismo y no podemos ser amigos.* **3** Lo que es insondable, incomprensible o inmenso: *Su mente es un abismo para mí.* **4** *poét.* Infierno: *Al final de los tiempos, los malvados serán condenados al abismo.*

O DE (2005) pode ser encontrado no acervo UFRGS (cf. Apêndice A); o DDEE (1994) e o DDEI (1994) podem ser encontrados no acervo PUCRS (cf. Apêndice B).

4.16 Dicionário de estrangeirismos: DPDe (2005)

Na língua espanhola, a principal obra responsável por indicar o tratamento a ser atribuído às unidades exógenas à língua é o DPDe (2005). S.v. *apartheid* é um exemplo disso:

apartheid. Voz neerlandesa que significa ‘apartamento, separación’ y que en afrikáans —variedad del neerlandés que se habla en Sudáfrica— adquirió el sentido específico de ‘segregación racial’. Solo es aceptable el empleo del extranjerismo crudo —que debe escribirse con resalte tipográfico y pronunciarse [apartheid], con hache aspirada— para referirse al sistema político discriminatorio implantado en la República de Sudáfrica de 1948 a 1994: «*El Zaire de Mobutu ha sido uno de los grandes valedores de Savimbi, igual que la Suráfrica del apartheid*» (*País* [Esp.] 8.5.97). No debe extenderse su uso a otros contextos, pues en español existen términos como *racismo*, *discriminación* o *segregación*, perfectamente equivalentes.

Conforme análise em Borba (2012b), *apartheid* é uma palavra de origem africâner que passou a fazer parte da norma real da língua espanhola como um estrangeirismo. Em um dado momento, a RAE incorporou *apartheid* ao DRAE (2001), de forma que, de estrangeirismo, passou a ser um empréstimo.

O acesso ao DPDe (2005) pode ser feito através da Internet, gratuitamente (cf. Apêndice E).

4.17 Dicionário de norma real: DEA (2005)

Aplicando as distinções de norma real e norma ideal (cf. COSERIU (1980) para mais detalhes), um dicionário dianormativo de norma real reflete aquilo que se utiliza efetivamente em uma língua (BORBA, 2013b), almejando o âmbito da descrição. É importante salientar, no entanto, que todo dicionário acaba por ter um efeito normativo prescritivo do ponto de vista do usuário, ainda que o compilador almeje a descrição linguística (BUGUEÑO MIRANDA, 2013a). Isso se deve, conforme Zanatta (2010), a um fenômeno chamado *anseio normativo*, segundo o qual o usuário de um dicionário busca neste instrumento uma orientação a respeito de como usar sua língua materna adequadamente.

DEA (2005) é um expoente dos dicionários dianormativos de norma real. Sua principal característica é a marcação de valências, conforme se pode visualizar no s.v. *dar*, acepção 1, letras *a* e *c*:

<p>dar I v (conjug 7) A tr ► a normal 1 Hacer que [alguien o algo (<i>ci</i>)] pase a tener [algo (<i>cd</i>)] o a disponer [de ello (<i>cd</i>)] Delibes <i>Príncipe</i> 19: Tengo mucha tela que cortar; déme la leche y luego el Santines que me suba esto. Zunzunegui <i>Camino</i> 448: Dame una toquilla, que tengo frío (...) b) ser dado. Ser permitido. PRivera <i>Discuro</i> 10: En ninguna circunstancia es dado pararse (...) c) ~ de comer [a alguien]. Proporcionar[le] alimento, a veces acercándose a los labios (...). d) ~ de comer aparte → COMER.</p> <p>2 Repartir [las cartas] <i>Más frec. abs</i> (...).</p> <p>3... 62</p> <p>II loc adv 63 para ~ y tomar (col) En gran abundancia (...).</p>
--

Do ponto de vista do ensino-aprendizagem, este dicionário fornece um conjunto de informações excessivamente complexo para um estudante de espanhol de níveis iniciais.

Caso se deseje consultar o DEA (2005), o mesmo pode ser encontrado no acervo do Instituto Cervantes (cf. Apêndice D).

4.18 Dicionário de norma ideal: DUE (2001)

A norma ideal é aquela que uma comunidade idiomática considera pertinente para efeitos de orientação no uso da língua (BORBA, 2013b). Essa norma advém do desejo, por parte dos falantes de uma língua, de contar com uma referência, com algo que possa servir de guia diante de uma dúvida relativa à língua em questão.

O expoente da classe dos dicionários dianormativos de norma ideal é o DUE (2001), classificado abertamente por sua autora como uma obra de caráter prescritivo. *S.v atribuir* ilustra a disposição das informações nesse dicionário:

atribuir (Del lat. «atribúere», deriv. de «tribúere»; v. «TRIBUIR»; pronunc. «atribu-ír» en el lenguaje lento o esmerado y «atrib(ui)r» en el lenguaje rápido) ① Considerar a cierta persona o cierta cosa como autor o causante de de \lo que se expresa: `Se atribuye esa novela a Cervantes. Le atribuyeron palabras que no ha dicho. Atribuye su fracaso a la falta de dinero`. ② «Asignar». Decir de alguien o algo que tiene cierta \cualidad o circunstancia: `Le atribuyen gran inteligencia. Se atribuyen a esta planta propiedades medicinales`. (V.: «ACHACAR, *acumular*, *ADJUDICAR[SE], APLICAR, *aponer*, APROPIARSE, APUNTARSE, ABROGARSE, *asacar* -ant,-, *ASTIGNAR[SE], CALCULAR, CARGAR, hacer CARGOS, COLGAR, CONCEDER, echar la CULPA, echar, *ENDILGAR, ESTIMAR, IMPUTAR, INTERPRETAR, MARCARSE, echar el MUERTO, *referir*, RETROTRAER, SOBRESTIMAR, *SUPONER, TOMARSE, *atribuir*. ► *ACUSAR. *CALIFICAR. *DAR. *DESTINAR. *PENSAR») ③ (no frec.). «*Adscribir» a \alguien a una función. ④ (no fec.)> Asignar una función a \alguien.

Através do verbete acima, pode-se visualizar a grande massa de informações que cada segmento informativo fornece. No âmbito do ensino-aprendizagem, é provável que somente um estudante de níveis mais avançados consiga interpretar e tirar proveito dos insumos que o dicionário oferece.

Para ter acesso ao DUE (2001), é necessário dirigir-se ao acervo do Instituto Cervantes (cf. Apêndice D).

4.19 Dicionário de dúvidas: DPD (2005) e DuDi (2006)

A Lexicografia Hispânica conta com uma classe especial de dicionários: os dicionários de dúvidas. Essas obras são compiladas, conforme comentado no capítulo 2, com o objetivo de resolver dúvidas recorrentes por parte dos falantes de espanhol. Por tratarem-se de obras normativas com caráter prescritivo, optamos por inseri-las na classe de dicionários dianormativos.

Em relação ao DPDe (2005), já o apresentamos previamente em outros itens deste capítulo (4.4 e 4.16). O DuDi (2006), por sua vez, é semelhante ao DPDe (2005) no que

concerne à preferência por adaptações espanholas a palavras de origem estrangeira, como s.v. *escúter*:

escúter. 'Motocicleta de ruedas pequeñas y cuadro abierto'. La palabra inglesa *scooter* (plural *scooters*) se usa en español, como nombre masculino (aunque alguna vez aparece como femenino), con la pronunciación /eskúter/. Puede usarse perfectamente la grafía española *escúter*, con un plural normal *escúteres*.

Da perspectiva do ensino-aprendizagem, os dicionários de dúvidas são obras interessantes para um estudante de níveis iniciais, justamente por conter casos específicos que costumam gerar dúvidas até mesmo em falantes nativos. A clareza com que as informações aparecem, tanto no DuDi (2006) s.v. *escúter* (indicação de plural e grafias possíveis, por exemplo), como no DPDe (2005) s.v. *apartheid* (cf. 4.16 em relação ao uso desse estrangeirismo, entre outros aspectos), também é um ponto que facilita a consulta a essas obras por um estudante de espanhol de níveis iniciais.

O DuDi (2006) pode ser encontrado no acervo do Instituto Cervantes (cf. Apêndice D).

4.20 Dicionário dialetal: NDAr (2000)

Dos dicionários dialetais existentes, destacamos a série *Nuevo Diccionario de Americanismos* (NDA), voltada especificamente para o espanhol americano. Apresentamos s.vs. *baya*, *bayo* e *bebe*, do *Diccionario del español de Argentina* (NDAr, 2000):

baya *f* ∩ *ArgRpl, SArg* Se usa para referirse a la hembra del → **lobo marino**, que tiene el pelaje de color bayo (Fam. Otariidae, *Otaria flavescens*).

bayo, -a: ~ **encerado, -a** ∅ *rur* Ref. a un caballo o a su pelaje: de color bayo oscuro, semejante al de la cera virgen.

bebe, -a *m/f* ∅ **1** Niño recién nacido o de pocos meses de edad [*E, Arg: bebé*]. | **2** *coloq* Joven o adulto que se comporta como un niño pequeño [*E, Arg: bebé*].

Cabe ressaltar ainda que os dicionários publicados da série NDA são os expoentes metodologicamente mais perfeitos dessa classe de obras.

Para consultar o NDAr (2000) é preciso dirigir-se ao acervo do instituto Cervantes (cf. Apêndice D). O acervo também oferece outro dicionário da série, o *Diccionario del español de Cuba* (NDCu, 2003).

No próximo capítulo, apresentaremos as demandas curriculares do ensino de espanhol como língua estrangeira, relacionando os dicionários elencados no panorama com ditas demandas.

5 A LEXICOGRAFIA HISPÂNICA E O ENSINO DE ESPANHOL COMO L2 PARA BRASILEIROS

Tendo em vista o panorama estabelecido no capítulo anterior, neste capítulo serão apresentados subsídios ao professor de espanhol para orientá-lo na sua tarefa de eleger e recomendar dicionários a seus alunos. Tal tarefa pressupõe entrar no mérito de alguns tópicos, tais como os documentos que orientam o ensino de línguas estrangeiras (L2) e as necessidades linguísticas do aprendiz brasileiro de espanhol como L2.

Em primeiro lugar, em relação às línguas estrangeiras de uma maneira geral, é possível destacar dois documentos que propõem orientações a respeito do processo de ensino-aprendizagem: os *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (PCNEM, 2000) e o *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas* (MCER, 2002 (tradução para o espanhol)). O primeiro é um documento do governo brasileiro cujo objetivo é orientar a discussão a respeito do currículo escolar no Ensino Médio, do planejamento e da prática em sala de aula. O ensino de línguas estrangeiras é contemplado na segunda parte desse documento (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias). Sua principal orientação é que se reflita o processo de ensino-aprendizagem a partir de um conjunto de competências e habilidades a serem desenvolvidas em sala de aula, com vistas ao desenvolvimento de uma competência comunicativa na língua estrangeira. Já o segundo documento foi elaborado a partir de um projeto do Conselho da Europa sobre política linguística, cujo propósito é “a unificação de diretrizes para a aprendizagem e o ensino de línguas dentro do contexto europeu”¹⁷ (MCER, 2002, p. IX) – sem, no entanto, impor objetivos e metodologias específicos. O público-alvo do MCER (2002) são os profissionais envolvidos no ensino-aprendizagem de línguas (professores, organizadores de cursos, instituições examinadoras e administradores educativos) e os estudantes. Ainda que não mencione um perfil de estudantes preciso, presume-se que o MCER (2002) esteja voltado para o estudante adulto, pois seu principal objetivo é permitir a mobilidade e a cooperação entre os cidadãos dos distintos países europeus. Esse documento considera tanto os usuários como os aprendizes de uma língua como agentes sociais; em vista disso, seu enfoque é a ação, traduzida através do desenvolvimento de competências gerais e, mais especificamente, de uma competência comunicativa.

¹⁷ [la unificación de directrices para el aprendizaje y la enseñanza de lenguas dentro del contexto europeo]

Em princípio, ambos documentos se assemelham no que diz respeito ao ensino com vistas a uma competência comunicativa. No entanto, além da estruturação por competências, o MCER (2002, p. 16) “estabelece uma série ascendente de níveis comuns de referência para descrever o domínio que o aluno tem da língua”¹⁸. O documento apresenta uma dupla dimensão: vertical, na medida em que são propostos níveis de domínio da língua (A1, A2 (usuário básico); B1, B2 (usuário independente); C1, C2 (usuário competente)); e horizontal, na medida em que são propostos descritores para cada nível de domínio. Esse diferencial parece-nos auxiliar o professor de uma maneira mais efetiva no que diz respeito ao estabelecimento de um perfil para seus alunos durante processo de aprendizagem.

Em segundo lugar, em relação à Língua Espanhola de um modo particular, destaca-se um documento elaborado a partir da aplicação das diretrizes contidas no MCER (2002) ao espanhol: o *Plan Curricular del Instituto Cervantes* (PCIC, 2006). O objetivo desse documento é

proporcionar a los equipos docentes de la red de centros del propio Instituto [Cervantes], y a los profesionales relacionados con la enseñanza de ELE [Español como Lengua Extranjera], un amplio repertorio de material que pueda servir a distintos fines y utilidades relacionados con el aprendizaje, la enseñanza y la evaluación del español (PCICa, 2006, p. 11).

Isso significa dizer que esse documento pode servir de base para várias finalidades, como a elaboração de currículos de ensino de espanhol como língua estrangeira e ainda como orientação para avaliar o desempenho dos alunos de acordo com os diferentes níveis de aprendizagem estabelecidos. Posto que esse documento advém do MCER (2002), cujo perfil de estudantes almejado são os de nível universitário, inferimos que o perfil de estudantes do PCIC (2006) também seja o de nível universitário.

A respeito de sua estruturação, o PCIC (2006) está organizado em cinco grandes componentes, cada um com um ou mais inventários: a) componente gramatical (gramática; pronúncia e prosódia; ortografia); b) componente pragmático-discursivo (funções; táticas e estratégias pragmáticas; gêneros discursivos e produtos textuais); c) componente nocional (noções gerais; noções específicas); d) componente cultural (referentes culturais; saberes e comportamentos socioculturais; habilidades e atitudes interculturais); e e) componente de aprendizagem (procedimentos de aprendizagem). Cada inventário, por sua vez, possui elementos que se relacionam com os elementos dos demais. Para que se possa entender essa relação, fornecemos como exemplo o caso de um indivíduo que necessite iniciar uma

¹⁸ [establece una serie ascendente de niveles comunes de referencia para describir el dominio que el alumno tiene de la lengua]

comunicação com alguém. Essa tarefa envolve conhecimentos dos componentes pragmático-discursivo (no inventário de funções, saudar e responder a uma saudação), nocional (no inventário de noções gerais, dizer e perguntar) e gramatical (no inventário de gramática, tempos verbais do indicativo). Longe de esgotar a totalidade de relações que se pode estabelecer com os demais componentes e inventários, esse exemplo ilustra alguns dos componentes envolvidos na realização de uma tarefa linguística.

Em terceiro lugar, além das finalidades de currículo e avaliação, um documento como o PCIC (2006) permite que um professor de espanhol afira com mais clareza o nível de aprendizagem de seus alunos, para então auxiliá-los de modo mais efetivo em relação às suas necessidades linguísticas. Dentre essas necessidades, estão certos elementos que podem causar dúvidas em falantes de uma língua materna A, mas que, em relação aos falantes de uma língua materna B, podem não incitar grandes dificuldades. No caso específico de um brasileiro que estude espanhol como língua estrangeira, um primeiro questionamento que se poderia fazer é: *quais são as dúvidas que um falante de português como língua materna poderia ter durante o processo de aprendizagem de espanhol?* Por outro lado, e considerando que os dicionários são potenciais ferramentas no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (cf. capítulo 1), um segundo questionamento que se poderia fazer, a partir do anterior, é: *qual(is) dicionário(s) poderia(m) resolver as dúvidas linguísticas específicas de um aluno brasileiro?*

Para responder a essas perguntas, em primeiro lugar, serão delimitados os níveis de aprendizagem de espanhol a A1 e A2¹⁹. Em segundo lugar, a partir dos insumos linguísticos envolvidos nesses níveis, e com o auxílio de estudos contrastivos entre o espanhol e o português, serão listados alguns dos elementos que geram dúvidas nos aprendizes brasileiros de espanhol como língua estrangeira. Em terceiro lugar, apresentaremos o modo como os dicionários tratam (quando tratam) dos elementos listados.

5.1 Dúvidas linguísticas de um estudante brasileiro de espanhol de níveis A1 e A2

A partir do componente pragmático-discursivo do PCIC (2006a), mais especificamente o inventário de funções, serão organizados a seguir os elementos que geram dúvidas no estudante brasileiro de espanhol. Para respaldar cada elemento, serão considerados os seguintes estudos contrastivos entre o espanhol e o português: *La utilización del análisis*

¹⁹ Por questões de espaço, e ainda pelas dimensões deste trabalho, optamos por não tratar de todos os níveis previstos no PCIC (2006).

contrastivo en la clase de gramática (BARROS, 2005); *Contrastes – Español para brasileños* (GUTIÉRREZ, 2006) ; e *Gramática contrastiva del español para brasileños* (MORENO; FERNÁNDEZ, 2007). Para um dos casos analisados, será utilizada a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (GramLE, 2009).

5.1.1 Função 1: dar e pedir informação

Atrelados a esta função estão os seguintes insumos, relacionados ao inventário de gramática e, nos itens *a* e *b*, ao de noções específicas também: a) substantivo próprio – topônimos com artigo incorporado (PCIC 2006a, p. 109-110, 343); b) substantivo comum – gênero diferente expressado com uma terminação diferente (flexão do feminino em *-esa*, *-triz*, *-ina* e *-isa*) (PCIC 2006a, p. 110, 338); c) número de substantivos e adjetivos terminados em vogal *í* ou *ú* tônicas (PCIC 2006a, p. 112); e d) forma e uso do neutro singular – *esto*, *eso*, *aquello* (PCIC 2006a, p. 116).

O caso dos topônimos com artigo incorporado encontra respaldo nos estudos contrastivos de Gutiérrez (2006, p. 26), a qual afirma que, a respeito dos artigos, em espanhol “não se usa diante de nomes de continentes, países ou províncias, exceto para especificar alguma característica ou se o artigo é parte do nome; em português é mais comum”²⁰. Alguns exemplos de topônimos com artigo incorporado são *El Salvador* (país), *La Habana* (capital) e *La Coruña* (cidade).

Em relação à flexão de gênero feminino com terminação diferente, Moreno; Fernández (2007, p. 69) afirmam que “alguns femininos se formam com os sufixos *-esa*, *-isa*, *-triz* e *-ina*”²¹. As palavras *princesa*, *actriz*, *reina* e *poetisa* são exemplos desse caso.

A formação do plural de substantivos e adjetivos terminados em vogais tônicas *í* ou *ú*, por sua vez, é tratada por Moreno; Fernández (2007, p. 79) através da observação “adiciona-se *-es* se a palavra termina em *-í* ou em *-ú*, ou em consoante”²², sem maiores comentários. Alguns exemplos são as palavras *marroquí* e *hindú*.

Moreno; Fernández (2007, p. 116) tratam também dos demonstrativos neutros: “São usados para referir-se a algo cujo nome se desconhece, não se sabe o que é ou não se quer

²⁰ [No se usa ante nombres de continentes, países o provincias, excepto para especificar alguna característica o si el artículo es parte del nombre; en portugués es más común]

²¹ [Algunos femeninos se forman con los sufijos *-esa*, *-isa*, *-triz* e *-ina*]

²² [Se añade *-es* si la palabra termina en *-í* o en *-ú*, o en consonante]

mencionar. [...] Se referem a uma oração ou situação mencionadas anteriormente ou a algo que se vai introduzir²³.

5.1.2 Função 2: expressar opiniões, atitudes e conhecimentos

Esta função comporta o insumo de restrição do uso de artigo pela posição sintática, relacionado ao inventário de gramática. São exemplos desse caso a situação dos verbos *haber* e *saber* (PCIC 2006a, p. 113).

No que diz respeito ao verbo *haber*, mais precisamente à sua forma impessoal, não é admissível que o objeto direto seja introduzido por um artigo definido (**hubo la manifestación*). Dúvidas em relação a esse tópico estão presentes tanto entre os falantes de espanhol como língua materna, como entre os falantes de português como língua materna. A orientação oficial para esse caso é a de que:

[...] el carácter indefinido que impone el predicado haber impersonal a su argumento se conoce en la bibliografía especializada como una manifestación del llamado efecto de definitud. Este efecto da lugar a contrastes como los siguientes: *Hubo {un ~ *el} apagón en el pueblo; Había {una ~ alguna ~ *la} carta en el buzón; Hay {ideas tuyas ~ unas ideas tuyas ~ algunas ideas tuyas ~ *las ideas tuyas} con las que no comulgo en absoluto*. Así pues, el grupo nominal que funciona como complemento directo de este verbo [...] puede estar encabezado por un determinante indefinido, pero también puede carecer de él (*Había relojes por todas partes*). Como se comprueba, el rasgo característico de esta construcción es el hecho de que se rechaza el artículo determinado (GramLE 2009, 15.6c).

Dito de outra forma, o verbo *haber*, em sua forma impessoal, pode ser construído em espanhol sem artigo (*hubo manifestación*), ou com artigo indefinido (*hubo una manifestación*) ou com pronome indefinido (*hubo alguna manifestación*); por outro lado, não são admissíveis as construções com artigo definido.

Já em relação ao verbo *saber*, há também um problema de distribuição complementar de artigos. No entanto, fuge ao escopo desse trabalho tratar desse problema por não haver literatura a respeito.

5.1.3 Função 3: Expressar gostos, desejos e sentimentos

Formam parte desta função os seguintes insumos do inventário de gramática: a) artigo obrigatório junto de substantivos que denotam atividades de ócio (PCIC 2006a, p. 113); b)

²³ [Se usan para referirse a algo cuyo nombre se desconoce, no se sabe lo que es o no se quiere mencionar. [...] Se refieren a una oración o situación mencionadas anteriormente o a algo que se va a introducir]

regência *ir a* (deslocamento) (PCIC 2006a, p. 136); e c) posição pronominal dos verbos *gustar*, *encantar* e *doler* (PCIC 2006a, p. 122).

A respeito do artigo obrigatório em atividades de ócio, Moreno; Fernández (2007, p. 90) indicam a necessidade do uso de artigo diante de substantivos que indiquem jogos ou esportes, como *fútbol* e *cartas* (*jugó AL fútbol*; *jugaron a LAS cartas*), ainda que em alguns países hispano-americanos seja comum o uso desses substantivos sem o artigo (*jugar a fútbol*; *jugar a cartas*).

A regência *ir a* com o sentido de deslocamento (*fue A la ciudad*), por sua vez, é observada por Gutiérrez (2006, p. 45): “Se usa para indicar a direção e o lugar até onde se dirige o movimento; em português se usa *para* ou *a* com o verbo *ir*”²⁴.

Por fim, a posição pronominal dos verbos *gustar*, *encantar* e *doler* nada mais é que a presença do que Barros (2005) denomina “dativo possessivo” em espanhol. A autora realiza uma análise contrastiva a respeito dos usos do dativo no espanhol e no português, e afirma que é um recurso muito menos usado no português em relação ao espanhol. Além disso, a autora aponta para o fato de que há diferenças de significado entre uma frase com dativo possessivo, como *me puse la chaqueta*, na qual *me* indica quem recebe a ação do verbo, e uma frase sem esse recurso, como *puse la chaqueta*, na qual seria possível entender que o falante não vestiu a roupa (mas sim que a pôs em outra pessoa ou lugar, por exemplo). Diante dessa diferença, por um lado, é evidente que os instrumentos de consulta linguística deveriam necessariamente apontar para o uso do dativo possessivo junto a verbos como *gustar*, *encantar* e *doler*. Por outro lado, Barros (2005) aponta para uma tendência de não utilização do dativo possessivo pelo falante de português ao se manifestar em língua espanhola.

5.1.4 Função 4: Relacionar-se socialmente

Forma parte desta função o uso do pronome *usted/ustedes* (PCIC 2006a, p. 120). Este pronome possui duas especificidades: é um pronome de tratamento formal de 2ª pessoa e utiliza a forma verbal de 3ª pessoa (MORENO; FERNÁNDEZ (2007, p. 27)): *¿Usted PODRÍA ayudarme, por favor? Ustedes no SON muy educados, señores.*

²⁴ [Se usa para indicar la dirección y el lugar hacia donde se dirige el movimiento; en portugués se usa para o a con el verbo ir]

5.2 O uso de dicionários para a resolução de dúvidas linguísticas

A partir do panorama contido no capítulo 4, serão selecionados alguns dicionários a serem analisados de acordo com os itens que geram dúvidas no falante nativo de português, expostos no subtópico 5.1. Dado que serão considerados os níveis A1 e A2, e que muitos dos dicionários incluídos no panorama apresentam informações que poderiam ser complexas para alunos de níveis básicos de aprendizagem, optou-se por selecionar para análise apenas alguns dicionários. As obras que foram elencadas são as que dispõem de informações mais simples para consulta, tendo em vista que a exigência linguística feita a alunos A1 e A2 é pouca, se comparada aos demais níveis. Foram selecionados: os escolares DDEE (1994), DDEI (1994) e DE (2005); o geral de língua DRAEe (2001); e os de dúvidas DPDe (2005) e DuDi (2006).

Os diagramas com as dúvidas linguísticas e o tratamento a elas atribuído pelos seis dicionários considerados iniciam na próxima página.

DIAGRAMA 9 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 1

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEE (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
<p>1. Substantivo: Topónimos com artigo incorporado</p>	∅	∅	∅	<p><i>Back Matter</i> > <i>Ortografia 2.2.3:</i> “Solo cuando el nombre oficial de un lugar lleve incorporado el artículo, este se escribe con mayúscula y no se contrae con las preposiciones <i>a</i> o <i>de</i>: <i>El Salvador, La Pampa, La Habana; ¿Has ido a El Cairo?</i>”</p>	<p>“La Habana. El artículo que forma parte del nombre de la capital de Cuba debe escribirse con mayúscula (→ mayúsculas, 4.7)”</p> <p>4.7 “(...) Pero cuando el nombre oficial de un país, una comunidad autónoma, una provincia o una ciudad lleve incorporado el artículo, este debe escribirse con mayúscula: <i>El Salvador, La Rioja</i> (comunidad autónoma), <i>Castilla-La Mancha</i> (comunidad autónoma), <i>La Pampa, La Habana, Las Palmas</i>. Cuando el artículo forma parte del nombre propio no se realiza en la escritura la amalgama con las preposiciones <i>de</i> o <i>a</i>”.</p>	<p>“Habana. El nombre de la capital de Cuba es <i>La Habana</i>. No debe suprimirse el artículo”.</p>

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

DIAGRAMA 10 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 2

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
<p>2. Substantivo: Gênero diferente expressado com uma terminação diferente (feminino em <i>-esa, -triz, -ina, -isa</i>)</p>	<p>“princesa. (...) □ [El masculino es <i>príncipe</i>]”. □ “príncipe. (...) □ [El femenino es <i>princesa</i>]”. □ “actor. (...) □ [El femenino es <i>actriz</i>]”. □ “actriz. (...) □ [El masculino es <i>actor</i>. Su plural es <i>actrices</i>]”. □ “reina. (...) □ [El masculino es <i>rey</i>]”. □ “rey. (...) □ [Su plural es <i>reyes</i>. En el significado 1 y 3, su femenino es <i>reina</i>]”. □ “poeta. (...) □ [Aunque el femenino es <i>poetisa</i>, también se usa mucho <i>una poeta</i>]”. □ “poetisa. (...) □ [El masculino es <i>poeta</i>]”. □</p>	<p>“princesa. s.f. de príncipe”. □ “príncipe.(...) □ MORF. En las acepciones 1, 2 y 3, su femenino es <i>princesa</i>”. □ “actor. (...) □ MORF. Su femenino es <i>actriz</i>; incorr. *<i>la actora</i>”. □ “actriz. s.f. de actor”. □ “reina. s.f. 1 s.f. de rey”. □ “rey. (...) □ MORF. En las acepciones 1 y 4, su femenino es <i>reina</i>”. □ “poeta.(...) □ MORF. Aunque su femenino no es <i>poetisa</i>, <i>poeta</i> se usa mucho como sustantivo de género común: <i>el poeta</i>, <i>la poeta</i>”. □ “poetisa. s.f. de poeta”. □</p>	<p>Lematiza em verbetes separados a forma feminina e a masculina, por incluir algumas aceções relacionadas estritamente à forma feminina ou à masculina. Não indica a formação do feminino de <i>príncipe</i>, <i>actor</i>, <i>rey</i> e <i>poeta</i>.</p>	<p>princesa → príncipe “<i>príncipe</i>, <i>princesa</i>. m. y f. (...)”. actriz. → actor¹ “<i>actor</i>¹, <i>triz</i>. m. y f. (...)”. reina. → rey “<i>rey</i>, <i>reina</i>. m. y f. (...)”. poetisa. → poeta “<i>poeta</i>, <i>tisa</i>. m. y f. (A veces como f. se usa <i>poeta</i>) (...)”.</p>	<p>“actor -triz. Con el sentido de ‘persona que interpreta un papel en una obra teatral o cinematográfica’, el femenino de <i>actor</i> es <i>actriz</i> (...)”. “poeta -tisa. ‘Persona que escribe poesía’. El femenino no tradicional y más usado es <i>poetisa</i> (...) Modernamente se utiliza también la forma <i>poeta</i> como común en cuanto al género (...)”.</p>	<p>Como príncipe. Como nombre (título) tiene la forma femenina <i>princesa</i>”. “actor. En el sentido de ‘artista que representa un papel en teatro o cine’, su femenino es <i>actriz</i>”. “poeta. El femenino de este nombre es <i>poetisa</i>. (...) Hoy existe cierta prevención contra la forma <i>poetisa</i>, que con frecuencia se sustituye por <i>poeta</i> (...)”.</p>

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

DIAGRAMA 11 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 3 e 4

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
<p>3. Substantivo e adjetivo: Número dos casos terminados em vogal tônica <i>í e ú</i></p>	<p>“hindú. (...) □ [No varía en masculino y en femenino. Su plural es <i>hindús</i> o <i>hindúes</i> (más culto)].” A palavra <i>marroquí</i> não está lematizada.</p>	<p>“hindú. adj./s. (...) □ MORE. (...) 3. Aunque su plural en la lengua culta es <i>hindúes</i>, la RAE admite también <i>hindús</i>.” “marroquí. adj./s. (...) □ MORE. (...) 3. Aunque su plural en la lengua culta es <i>marroquíes</i>, se usa mucho <i>marroquis</i>”.</p>	<p>∅</p>	<p>O plural é indicado nos exemplos: “hindú (...) 3. Que profesa el hinduismo. <i>La mayor parte de la población de la India es hindú</i>. Tb. m. y f. <i>La mayoría musulmana de Indonesia coexiste con hindúes y cristianos</i>”. “marroquí. adj. De marroques. <i>Costas marroquíes</i>. Dicho de pers., tb. m. y f. <i>En España viven miles de marroquíes</i>”.</p>	<p>“hindú. (...) El plural preferido en la lengua culta es <i>hindúes</i> (→ plural, 1c)”. 1c “Sustantivos y adjetivos terminados en -i o en -u tónicos. Admiten generalmente dos formas de plural, una con <i>-es</i> y otra con <i>-s</i>, aunque en la lengua culta suele preferirse la primera (...). En los gentilicios, aunque no se consideran incorrectos los plurales en <i>-s</i>, se utilizan casi exclusivamente en la lengua culta los plurales en <i>-es</i>: <i>israelíes, hindúes, marroquíes, hindúes, bantúes</i>”.</p>	<p>“hindú. (...) el plural <i>hindúes</i> corresponde tanto al nombre como al adjetivo”. “marroquí. El plural de este adjetivo o nombre es <i>marroquíes</i> –no <i>marroquis</i>–”.</p>
<p>4. Demonstrativo: Forma e uso do neutro singular (<i>esto, eso, aquello</i>)</p>	<p>“este, esta, esto. 1 [pronombre demostrativo] Señala lo que está más cerca: <i>¿De quién es este pañuelo que tengo aquí?</i> (...) □ [Cuando no acompaña a un sustantivo]”</p>	<p>“esto. pron. demos. s.n. Designa objetos o situaciones cercanos, señalándolos sin nombrarlos: <i>Sólo necesito esto para apretar bien el tornillo</i> (...) □</p>	<p>“esto. (No tiene pl.) pron. 1. Lo que está cerca, en el espacio o en el tiempo, de la persona que habla. <i>Esto no es un problema de inter-</i></p>	<p>“esto. Demostrativo neutro. → tilde², 3.2.1.” “eso. Demostrativo neutro. → tilde², 3.2.1.”</p>	<p>“este¹. 1. Adjetivo y pronombre demostrativo. (...) como pronombre tiene, además, una forma «neutra», sin plural (<i>esto</i>). (...) 5. (...) En cuanto a la</p>	

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

DIAGRAMA 12 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 4

<p>tantivo se puede escribir con tilde (...). El plural de este es estos.]”.</p> <p>“ese, esa, eso. [pronombre demostrativo] Señala lo que no está ni cerca ni lejos: <i>Este perro es un galgo y ese otro es un pastor alemán</i>. □ [Cuando no acompaña a un sustantivo se puede escribir con tilde: <i>Ésta casa es la mía y ésa es la de mi amigo</i>. El plural de <i>ese</i> es <i>esos</i>.]”.</p>	<p>MORF. 1. No tiene plural. 2. → DE APÉNDICE PRONOMBRES”.</p> <p>“eso. pron. demos. s.n. Designa objetos o situaciones señalándolos sin nombrarlos: <i>Eso que está encima de la mesa es para ti</i> (...) □ MORF. 1. No tiene plural. 2. → DE APÉNDICE PRONOMBRES”.</p> <p>“aquello. pron. demos. s.n. Designa objetos o situaciones lejanos, señalándolos sin nombrarlos: <i>Me gustaba aquello de salir a pasear por el campo</i> (...) □ MORF. 1. No tiene plural. 2. → DE APÉNDICE PRONOMBRES”.</p> <p>C.f. no Apéndice F o “apéndice de pronombres” indicado nas</p>	<p>Postpuesto a un sustantivo, puede indicar enfado o desprecio. (...)”.</p> <p>“ese², sa, so. (...) 1. pron. dem. Designa lo que está cerca de la persona con quien se habla, o representa y señala lo que esta acaba de mencionar. (...) 5. pron. dem. U. en neutro, equivale a veces a <i>lo mismo</i>. (...)”.</p> <p>“aquel, lla, llo. (...) 1. pron. dem. Designa lo que está cerca, espacial o temporalmente, de la persona con quien se habla. <i>No quiero verte con eso</i>. 2. Lo que se ha mencionado antes. <i>Los realojaron en casas prefabricadas, pero eso no era lo que les habían prometido</i> (...)”.</p>	<p><i>gración</i>. 2. Lo que se acaba de mencionar. <i>Sé que tenemos problemas, pero no es de esto de lo que quería hablarte</i> (...)”.</p> <p>“eso. (No tiene pl.). pron. 1. Lo que está a una distancia intermedia, entre cerca y lejos, en el espacio o en el tiempo, de la persona que habla. <i>¿Tenemos que comer eso?</i> Tb. designa lo que está cerca, espacial o temporalmente, de la persona con quien se habla. <i>No quiero verte con eso</i>. 2. Lo que se ha mencionado antes. <i>Los realojaron en casas prefabricadas, pero eso no era lo que les habían prometido</i> (...)”.</p>	<p>“aquel -lla -llo. Demostrativo. (...)”.</p> <p>tilde², 3.2.1. “Las formas neutras de los demostrativos, es esto, eso y aquello, que solo pueden funcionar como pronombres, se escriben siempre sin tilde: <i>Eso no es cierto</i>; <i>No entiendo esto</i>”.</p>	<p>forma «neutra» (<i>esto</i>), en ningún caso debe escribirse con tilde. (...)”.</p> <p>“ese. 1. Adjetivo y pronombre demostrativo. (...) como pronombre tiene, además, una forma «neutra», eso, sin plural. (...) 5. (...) En cuanto a la forma «neutra» (<i>eso</i>), no debe escribirse con tilde en ningún caso. (...)”.</p> <p>“aquel. 1. Adjetivo y pronombre demostrativo. (...) como pronombre tiene, además, una forma «neutra», sin plural (<i>aquello</i>). (...) 5. (...) En cuanto a la forma «neutra» (<i>aquello</i>), en ningún caso se ha de escribir con tilde. (...)”.</p>
---	---	---	---	--	---

DIAGRAMA 13 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 5

	divertido. El plural de aquel es aquellos.]”.	remissões.	(...)”.						
DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)			
5. Artigo: Restrições pela posição sintática (verbo haber)	<p>“haber. [verbo] 1 Ocurrir algo o tener lugar: <i>Los domingos no hay clase.</i> 2 Existir o estar presente: <i>No hay motivo para que te enfades.</i> En el zoológico hay animales salvajes. 3 Seguido de la palabra de, indica obligación: <i>Ahora he de hacer un recado y no puedo quedarme.</i> (...)”.</p>	<p>“haber. (...) v. 5 Ocurrir, tener lugar o producirse: <i>Ayer hubo un apagón en todo el barrio.</i> Hoy hay concierto en el auditorio. 6 Estar presente o encontrarse: <i>En la fiesta sólo había veinte personas.</i> 7 Existir: <i>Había razones de peso que apoyaban mi decisión.</i> Tiene un genio que no hay quien lo aguante. (...)”.</p>	<p>“haber¹. (...) 5. impers. ocurrir (acaecer, acontecer). <i>Hubo una hecatombe.</i> 6. impers. Celebrarse, efectuarse. <i>Ayer hubo junta.</i> (...) 7. impers. Ser necesario o conveniente aquello que expresa el verbo o cláusula que sigue. <i>Habrá que pasear</i> (...) 8. impers. Estar realmente en alguna parte. <i>Haber veinte personas en una reunión.</i> (...) 9. impers. Hallarse o existir real o figuradamente. <i>Hay hombres sin caridad.</i> (...)”.</p>	<p>“haber. (...) o tr. impers. 4. Acompañado de un nombre o un pronombre, expresa existencia o presencia física de las personas o cosas designadas por ese nombre o pronombre. (...) <i>Corrigieron la errata que había en la página veinte.</i> <i>Hubo las dificultades habituales.</i> <i>Hay una fuga de gas.</i> (...)”.</p>	<p>“haber. (...) 4. VERBO IMPERSONAL. Además de su empleo como auxiliar, el otro uso fundamental de haber es denotar la presencia o existencia de lo designado por el sustantivo que lo acompaña y que va normalmente pospuesto al verbo: <i>Hay alguien esperándote; Había un taxi en la puerta; Mañana no habrá función; Hubo un serio problema.</i> (...)”.</p>	<p>“haber. (...) 5. En español normal el haber impersonal lleva habitualmente el complemento directo en forma indeterminada, esto es, sin artículo, o con artículo indefinido, o con adjetivo indefinido o de cantidad: <i>Había una señora, o unas señoras, o pocas señoras, o tres señoras.</i> No es frecuente que el complemento directo lleve artículo definido (...)”.</p>			

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

DIAGRAMA 14 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 6

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
6. Artículo: Obligatoriedad dianete de substantivos que expressam atividades de ócio	<p>“jugar. [verbo] 1 Hacer algo como diversión o para pasar el tiempo: <i>Puedes ir a jugar cuando acabes lo que tienes que hacer.</i> (...) 2 Participar en un juego o en un deporte: <i>Yo nunca he jugado a la lotería. ¿Jugamos al tenis?</i> (...)”.</p>	<p>“jugar. ■ v. (...) 3 Referido a un juego o a un deporte, partici- par en ellos: <i>Juga- ron a policías y ladrones en el patio del colegio.</i> 4 Referido a un sorteo o a un juego de azar, participar en ellos con el fin de ganar dinero: <i>Juega a la lotería todas las semanas.</i> (...) □ SINT. 1. Constr. de las acepciones 3 y 4: <i>jugar A algo.</i> (...)”.</p>	<p>“jugar. (...) 3. Entretenerse, diver- tirse tomando parte en uno de los juegos sometidos a reglas, medie o no en él interés. <i>Jugar a la pelota, al dominó.</i> 4. intr. Tomar parte en uno de los juegos sometidos a reglas, no para divertirse, sino por vicio o con el solo fin de ganar dinero. (...)”.</p>	<p>“jugar. (...) 2. Llevar a cabo los actos propios de un juego sometido a reglas. <i>¿Jugamos AL ajedrez? El equipo visitante ha jugado muy bien.</i> Tb. fig. <i>No soy nada criticón, no me gusta jugar A eso.</i> 3. Tomar parte en un juego de azar. <i>Después de la cena jugaron AL bingo. Juega A la lotería.</i> (...)”.</p>	<p>“jugar(se). (...) 2. Cuando significa ‘practicar un juego o un deporte’, en la lengua culta se usa como intransitivo y el nombre del juego va con artículo y prece- dido de la preposición a: «<i>Jugaban AL fútbol de la mañana a la noche</i>» (Martínez <i>Evita</i> [Arg. 1995]); (...). No es uso propio de la lengua española suprimir el artículo, algo habitual entre hablantes catalanes por influjo de su lengua regional: (...). Con este mismo sen- tido, en el habla coloquial de amplias zonas de América, probablemente por calco del inglés (...), se usa a menudo co- mo transitivo, esto es, sin que el sustantivo que denota el juego vaya precedido de preposición, además de no llevar artículo (...)”.</p>	<p>“jugar. (...) 3. <i>Jugar a</i> + nombre de juego, antepone el artículo al nombre del juego (→2): <i>Jugar a LAS cartas</i>. La omisión de ese artículo es regional: «<i>Jugaban a prendas</i>» (Miró, <i>Cercado</i>, 116); «<i>Jugaban a cartas</i>» (Goytisolo, <i>Fin</i>, 65). En América, por otra parte, exis- te un uso transitivo también sin artícu- lo: «<i>Los artilleros .. jugaban ajedrez</i>» (Neruda, <i>Confieso</i>, 360); «<i>¿Qué juegan? -Póquer</i>» (Vargas Llosa, <i>Ciudad</i>, 21). (...)”.</p>

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

DIAGRAMA 15 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 7

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
	<p>“ir. [verbo] 1 Moverse de un lugar a otro: <i>Hoy nos vamos al pueblo de vacaciones.</i> (...).”</p>	<p>“ir. 1 v. 1 Dirigirse a un lugar o moverse de un lugar a otro: <i>Voy a mi casa andando. Se fue al hotel en taxi.</i> (...).”</p>	<p>“ir. (...) 1. intr. Moverse de un lugar hacia otro apartado de quien usa el verbo ir y de quien ejecuta el movimiento. U. t. c. prnl. (...).”</p>	<p>“ir. (conjug. ir). intr. 1. Moverse en dirección a un lugar, determinado o no, alejado de la persona que habla. <i>¿A qué horas irás a tu casa?</i> (...) Tb. prnl., expresando el comienzo de la acción. <i>Tú no te vas de aquí hasta que no me digas la verdad.</i> (...) <i>Tuvo que irse a Urgencias a las 2 de la mañana.</i> (...).”</p>	<p>“ir. (...) 3. Al trarse de un verbo de movimiento, es habitual que vaya acompañado de un complemento de lugar. Cuando el complemento es presa destino, debe ir precedido de <i>a</i>, <i>para</i> o <i>hasta</i>. Es propio del habla popular, y debe evitarse en la lengua culta, encabezar este complemento con <i>en</i> o <i>de</i> (lo que ocurre, normalmente, cuando se quiere decir <i>a casa de</i>): «<i>Voy EN ca doña Manuela</i>»(González Dios [Méx. 1999]); «<i>Ya que lo toma así, ¿por qué no va DE otra modista</i>» (Cortázar <i>Rayuela</i> [Arg. 1963]). (...)”.</p>	<p>“ir. (...) 2. Construcción: <i>ir DE un sitio A otro</i>; <i>ir A pie</i>, <i>EN coche</i>, <i>EN tren</i>, <i>EN avión</i>, <i>EN barco</i>, <i>A caballo</i>, <i>EN burro</i>; <i>ir POR carretera</i>, <i>POR ferrocarril</i>, <i>POR mar</i>; (...) <i>ir A comprar sillas</i>; <i>ir DE compras</i>. (...) 7. <i>Juan va EN Vigo</i>, <i>va EN el médico</i> (‘va a Vigo’, ‘va al médico’), <i>Juan va viejo</i> (‘va para viejo’) (...) son construcciones pe- culiars del caste- llano de Galicia (...).”</p>
<p>7. Regência: <i>ir a</i> (deslocamento)</p>						

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

DIAGRAMA 16 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 8

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
8. Sintaxe: Posição pronominal em relação aos verbos <i>gustar</i> , <i>encantar</i> e <i>doler</i>	<p>“gustar. [verbo] Resultar agradable algo o parecer bien: <i>Me gusta mucho la idea que se te ha ocurrido.</i> (...)”.</p> <p>“encantar. [verbo] Gustar o atraer mucho: <i>Me encanta estar con los amigos.</i> (...)”.</p> <p>“doler. [verbo] Hacer sentir dolor: <i>Me duele mucho la cabeza. Las inyecciones duelen.</i> (...)”.</p>	<p>“gustar. v. 1 Resultar agradable o atractivo, o parecer bien: <i>La fruta que más me gusta es el melocotón.</i> (...)”.</p> <p>“encantar. (...) [3] Gustar o atraer mucho: <i>Me encanta pasear por el campo.</i>”</p> <p>“doler. v. 1 Referido a una parte del cuerpo, hacer sentir dolor físico: <i>Cuando me duelen las muelas me desespero.</i> (...)”.</p>	<p>“gustar. (...) 3. intr. Agradar, parecer bien. (...)”.</p> <p>“encantar. (...) 4. intr. Gustar en gran medida, agradar mucho. <i>Le encanta el cine.</i>”</p> <p>“doler. (...) 1. intr. Dicho de una parte del cuerpo: Padecer dolor, mediante causa interior o exterior. <i>Doler la cabeza, los ojos, las manos.</i> (...)”.</p>	<p>“gustar. intr. 1. Causar placer o satisfacción a alguien. <i>¿Te gustan los macarrones? Le gusta montar en bicicleta.</i> (...)”.</p> <p>“encantar. tr. (...) 2. Gustar o agradar mucho alguien o algo (a una persona). <i>La película me ha encantado.</i> (...)”.</p> <p>“doler. (conjug. MOVER) intr. 1. Presentar dolor físico una parte del cuerpo. <i>Me duele la cabeza.</i> (...)”.</p>	<p>“gustar. 1. Cuando significa ‘causar, o sentir, placer o atracción’ es intransitivo y puede construirse de dos formas: a) El sujeto es la causa del placer o la atracción, y la persona que lo siente se expresa mediante un complemento indirecto: (...) «<i>LE gustaban la buena música y los buenos libros</i>» (Palou <i>Carne</i> [Esp. 1975]). Esta es la construcción normal en el habla corriente. (...)”.</p> <p>“encantar. (...) 2. Cuando significa ‘gustar mucho’, es intransitivo; lo que gusta o agrada funciona como sujeto y el complemento de persona es indirecto: «<i>A Fabio LE encanta crear complicaciones</i>» (Shand <i>Delmonte</i> [Arg. 1987]) (...)”.</p> <p>“doler(se). 1. ‘Causar o hacer sentir dolor’ y</p>	<p>“gustar. Construcción: <i>gustar DE bromas; gustar</i> (‘saborear’) <i>las mieles del triunfo; no gustarle a uno las bromas</i>. Cuando <i>gustar</i> tiene el sentido de ‘agradar’ no lleva preposición alguna: <i>Me gusta que vengáis.</i> (...)”.</p> <p>“doler. 1. Verbo irregular. Se conjuga como <i>mover</i> [18]. (...)”.</p>

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

NOTA: Continua na próxima página.

DIAGRAMA 17 – DÚVIDAS LINGÜÍSTICAS 9

DÚVIDA LINGÜÍSTICA	DDEE (1994)	DDEI (1994)	DRAEe (2001)	DE (2005)	DPDe (2005)	DuDi (2006)
9. Pronome formal de 2ª pessoa (<i>usted, ustedes</i>)	<p>“usted. [pronombre personal] Indica la segunda persona y se usa para hablar con respeto y de forma educada a una persona: <i>Usted nos dijo que viniéramos. ¿Son ustedes los que me han llamado?</i> □ [No varía en masculino y en femenino. Se usa con el verbo en tercera persona.]”.</p>	<p>“usted. pron.pers. s. Forma de la segunda persona que corresponde a la función de sujeto, de predicado nominal o de complemento precedido de preposición: <i>Usted nos dijo que viniéramos.</i> □ MORF. 1. No tiene diferenciación de género. 2. Se usa con el verbo y con los posesivos correspondientes en tercera persona. 3. →APÉNDICE DE PRONOMBRES. □ USO Se usa como tratamiento de respeto”.</p>	<p>“usted. (...) 1. pron. person. Forma de 2.ª persona usada por tú como tratamiento de cortesía, respeto o distanciamiento. (...)”.</p>	<p>“usted.(...)pron.pers. Designa a la persona a quien se dirige el que habla cuando no tiene con ella mucha familiaridad. <i>Le agradezco a usted sus atenciones.</i> (...) <i>¿Es usted alérgico a algún medicamento?</i> El plural <i>ustedes</i>, en Am., se usa tanto para un sing. <i>usted</i> como para un sing. <i>tú</i> o <i>vos</i>. <i>Mijita, usted sabe el gran amor que le tengo.</i> (...)”.</p>	<p>“usted. (...) 2. Aun- que su referente es siempre una segunda persona, pues designa al interlocutor a quien se habla, gramatical- mente es un pronom- bre de tercera, pues procede, etimológica- mente, de la contrac- ción del grupo nomi- nal <i>vuestra merced</i>; por ello, si funciona como sujeto, el verbo debe ir en tercera per- sona: «<i>Usted, doctor, DUERMA un poco</i>» (MtzSalguero <i>Combate</i> [Bol. 2002]) (...)»; así pues, es incorrecto hacer con- cordar <i>usted(es)</i> con un verbo en segunda persona: *«<i>Ustedes, cómicos, HABÉIS TRABAJADO hoy</i>» (FnGómez <i>Viaje</i> [Esp. 1985]); debió decirse HAN TRABAJADO <i>hoy</i>.</p>	<p>“usted. 1. Pronom- bre personal de 2.ª persona singular «de respeto». No tiene variación de género. En plural es <i>ustedes</i>. (...) A pesar de su signi- ficado de 2.ª persona, estos pronombres –<i>usted, ustedes</i>– funcionan siempre gramatical- mente como 3.ª: <i>usted tiene, ustedes sabrán</i>. Es vulgaris- mo de algunas re- giones hacer con- certar <i>ustedes</i> con la 2.ª persona plural del verbo (<i>ustedes tenéis</i>). (...) 6. <i>Ustedes</i> suplantó a <i>vosotros</i> en exten- sas zonas del español: →VOSOTROS, 5.”</p>
					<p>3. Frente a <i>tú</i> y <i>vos</i> (→ <i>tú</i> y <i>vos</i>), el singular <i>usted</i> es la forma empleada en la</p>	

FONTE: DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001), DE (2005), DPDe (2005) e DuDi (2006).

NOTA: Continua na próxima página.

5.2.1 Análise do tratamento aplicado pelos dicionários aos nove problemas elencados

Neste tópico analisar-se-á o tratamento (quando houver) dos dicionários a cada dúvida linguística elencada.

O primeiro problema apontado envolve topônimos com artigo incorporado. O dicionário que melhor esclarece essa dificuldade é o DPDe (2005). No verbete *mayúsculas*, acepção 4.7, há uma explicação clara e com exemplos de topônimos que têm o artigo incorporado. Dos demais dicionários que tratam do tema, o DE (2005) inclui explicações sobre topônimos através de apêndices no *Back Matter* (o que parece não ser a melhor opção, tendo em vista que o consulente dificilmente buscaria por topônimos nesse componente do dicionário). O DuDi (2006), apesar de lematizar o topônimo *La Habana*, não esclarece o fenômeno em si para o consulente, como o faz o DPDe (2005).

O segundo problema considerado é tratado de modo claro e objetivo pelo DDEE (1994), pelo DDEI (1994) e pelo DE (2005). O DPDe (2005) e o DuDi (2006) se destacam pelas explicações apresentadas para as particularidades do feminino de *poeta*. Já o DRAEe (2001), por sua vez, nas acepções de *príncipe*, *actor*, *rey* e *poeta* que possuem feminino *princesa*, *actriz*, *reina* e *poetisa/poeta*, não faz nenhuma indicação ou remissão à forma feminina.

O terceiro problema é melhor aclarado pelo DPDe (2005) no verbete *plural*, acepção 1c, principalmente quanto à forma considerada culta e à forma considerada coloquial. Já o DDEE (1994) e o DDEI (1994) tratam do problema de forma mais objetiva; o DE (2005) indica o plural através dos exemplos, alternativa já avaliada e comentada no capítulo 2 como não adequada; e o DuDi (2006) realiza uma prescrição que não inclui o plural em *-s* como coloquial ou vulgar, algo que os demais realizam.

O quarto problema, por sua vez, não é contemplado de modo satisfatório por nenhum dos dicionários, ou porque os mesmos não indicam as formas *esto*, *eso* e *aquello* como neutras e sem plural (DDEE (1994), DDEI (1994), DRAEe (2001) e DE (2005)), ou porque não indicam os usos dessas formas (DPDe (2005) e DuDi (2006)).

O quinto problema está apresentado de modo claro apenas no DuDi (2006). Nos demais dicionários, o consulente teria que inferir pelos exemplos dados quais são as particularidades do verbo *haber* impessoal e os artigos que acompanham ou não seu objeto direto.

O sexto problema, que envolve o uso de artigo diante de substantivos que expressem atividades de ócio, é tratado de modo satisfatório do DPDe (2005) e no DuDi (2006). Ambos

expõem essa particularidade de modo claro e com muitos exemplos. Já nos demais dicionários só é possível verificar a presença do artigo nos exemplos fornecidos.

O sétimo problema, assim como o quinto, encontra apenas do DuDi (2006) uma orientação clara. O DPDe (2005), por indicar outras preposições para este sentido, poderia confundir o estudante brasileiro ao não incluir os diferentes usos de cada uma. Nos demais dicionários, a preposição forma parte apenas dos exemplos, sem que se indique a necessidade de seu uso junto do verbo *ir* para indicar deslocamento.

O oitavo problema, referente à posição pronominal, ou dativo possessivo, é contemplado apenas pelo DPDe (2005). Ainda assim, por não ser um tema de fácil entendimento para o estudante brasileiro (BARROS, 2005), é possível que esse estudante tenha dificuldades na compreensão dos verbetes analisados. Os demais dicionários, por sua vez, não tratam desse tema.

Por fim, o nono problema está apresentado de uma maneira mais completa no DPDe (2005) e no DuDi (2006). O DDEE (1994) e o DDEI (1994) também tratam desse tema de modo satisfatório, com explicações mais sucintas.

Dos nove problemas, foram resolvidos satisfatoriamente pelos dicionários: dois pelo DDEE (1994); apenas um pelo DDEI (1994) e pelo DE (2005); nenhum pelo DRAEe (2001); cinco pelo DuDi (2006); e seis pelo DPDe (2005). As duas obras que mais resolveram dúvidas foram os dicionários de dúvidas analisados. Em vista disso, é evidente a eficácia dessa classe de dicionários, frente às demais classes analisadas, no que concerne à resolução de dúvidas por parte do aprendiz brasileiro de espanhol.

6 CONCLUSÕES

O presente trabalho reflete a importância de um panorama da Lexicografia Hispânica para o professor de espanhol no Brasil. Isso porque se comprovou a eficácia do dicionário como ferramenta auxiliar para a resolução de dúvidas linguísticas dos estudantes brasileiros de espanhol como L2 – dúvidas que estão além da simples busca por questões relativas a vocabulário.

Em relação ao panorama mais especificamente, um primeiro ponto a ser mencionado é que a maioria dos dicionários incluídos está presente ou nos acervos consultados ou gratuitamente na Internet, o que facilita o acesso a profissionais gaúchos que necessitem consultar essas obras. Em segundo lugar, merece destaque o fato de que o panorama apresentado pode ser atualizado e expandido com o surgimento de novos genótipos lexicográficos. Para tanto, é necessário que surjam novos estudos lexicográficos para tratar de questões todavia turvas, como é o caso dos dicionários bilíngues e dos dicionários para falantes não nativos. Por fim, em terceiro lugar, e como consequência indireta do primeiro objetivo estabelecido, este panorama acaba por divulgar obras da Lexicografia Hispânica que podem ser ainda desconhecidas inclusive em meios acadêmicos.

No tocante ao uso de obras lexicográficas, a análise do capítulo 5 demonstra que, embora direcionados para falantes nativos de espanhol, os dicionários de dúvidas podem resolver boa parte das necessidades linguísticas dos estudantes brasileiros de espanhol de níveis A1 e A2. A partir desse dado, é possível inferir ainda que os falantes nativos de espanhol e os estudantes brasileiros de espanhol possuem, parcialmente, as mesmas dúvidas em relação ao uso da língua. Por outro lado, apesar do auxílio que os dicionários de dúvidas podem fornecer ao estudante brasileiro de níveis iniciais, cabe questionar até que ponto este estudante poderia ler na íntegra os verbetes dessas obras. Conforme as análises do capítulo 5, estes verbetes são, em sua maioria, relativamente longos e, por vezes, redigidos de uma maneira que resulta difícil para que o estudante brasileiro de níveis A1 e A2 possa entender e aproveitar as informações fornecidas.

REFERÊNCIAS

ABEH. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**. São Paulo, 2013.

AHM. SECO, M. **Arniches y el habla de Madrid**. Madrid, 1970.

ARAÚJO, E. Mediação e aprendizagem docente. **Atas do IX Congresso Nacional de psicologia escolar e educacional**. Ribeirão Preto, 2009.

ATKINS, S.; RUNDELL, M. **The Oxford Guide to practical Lexicography**. New York: Oxford University Press, 2008.

ATKINS, S.; RUNDELL, M. Lexicographic training: an overview. In: GOUWS, R.; HAUSMANN, F. (Hrsg.). **Dictionaries: an international encyclopedia of Lexicography**. Supplementary - Vol. 4. Berlin: De Gruyter, 2013.

BARROS, R. La utilización del análisis contrastivo en la clase de gramática. **Actas del XIII Seminario de Dificultades Específicas de la Enseñanza del Español a Lusohablantes**. São Paulo, 2005.

BERGENHOLTZ, H.; JOHNSEN, M. User research in the field of electronic dictionaries. In: GOUWS, R.; HAUSMANN, F. (Hrsg.). **Dictionaries: an international encyclopedia of Lexicography**. Supplementary - Vol. 4. Berlin: De Gruyter, 2013.

BOGAARDS, P. Uses and users of dictionaries. In.: STERKENBURG, P. (Ed.). **A practical guide to lexicography**. Amsterdam: John Benjamins, 2003, 26 – 33.

BORBA, L. C. Quão útil é o Dicionário de la Real Academia Española (DRAE) para o aprendiz brasileiro de espanhol como língua estrangeira? **Linguasagem**. São Paulo, v. 18, p. 1-11, 2012a.

BORBA, L. C. A postura da Real Academia Espanhola em relação aos neologismos. **Entrelinhas**, São Leopoldo, v.6, n.1, s-p, 2012b.

BORBA, L. C. El Dicionario de la Real Academia Española: entre la tradición y la modernidad. São Paulo: **ABEH**, 2013a.

BORBA, L. C. O uso de um dicionário monolíngue de espanhol por aprendizes brasileiros: análise de aspectos macro-, médio- e microestruturais. **Crátulo**. Patos de Minas, v. 6, 2013b.

BORBA, L. C.; BUGUEÑO MIRANDA, F. Análise de cinco dicionários semasiológicos de língua espanhola: a correlação entre o front Matter e a Macro e Microestrutura. **Extensio**. Florianópolis, v. 9, 2012.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Panorama da lexicografia alemã. **Contingentia**. Porto Alegre, v. 3, p. 89-110, 2008.

_____. Panorama da lexicografia brasileira de orientação semasiológica. In: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Língua e Linguagem: perspectivas de investigação**. Pelotas, EDUCAT, 2011, p. 173-206.

_____. Balanço e perspectivas da lexicografia. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: UFSC, v. 32/2, p. 15-37, 2013.

_____. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. São Paulo: **Alfa**, 2014.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; BORBA, L. C. Hacia una clasificación de obras lexicográficas del español desde la perspectiva de su enseñanza. Santa Maria: **Expressão**, 2015 [NO PRELO].

CVC. **Centro Virtual Cervantes**. Disponível em: <cvc.cervantes.es>. Acesso em: 08/12/14.

DA. ASALE. **Diccionario de Americanismos**. Madrid: Santillana, 2010.

DASA. **Diccionario Avanzado de sinónimos y antónimos de la Lengua Española**. Barcelona: Bibliograf, 1998.

DBLE. **Diccionario básico de uso de la lengua española**. Madrid: SGEL, 2007.

DCEC. BOSQUE, I. **Redes**. Diccionario combinatorio del español contemporáneo. Madrid: SM, 2004.

DCR. CUERVO, R. J. **Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana**. Herder: Barcelona (1cd-rom), 2002.

DDEE. **Diccionario didáctico del español – elemental**. Madrid: Ediciones SM, 1994.

DDEI. **Diccionario didáctico del español – intermedio**. Madrid: Ediciones SM, 1994.

DE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario del Estudiante**. Madrid: Santillana, 2005.

DEA. SECO, M.; ANDRÉS, O.; RAMOS, G. **Diccionario del español actual**. Madrid: Aguilar, 2005.

DEL. LUBENSSKY, M. **Diccionario de ecuatorianismos en la literatura**. Quito, 1992.

DELE. **Señas**: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

DFonEsp. GUTIÉRREZ, M. **Diccionario fonético de la lengua española**. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2007.

DFrasEM. VARELA, F.; KUBARTH, H. **Diccionario fraseológico del español moderno**. Madrid: Gredos, 2004.

DiCE. ALONSO RAMOS, M. (dir.). **Diccionario de colocaciones del español**. La Coruña: Facultade de Filoloxía, 1999-. Disponível em <<http://www.dicesp.com/paginas>>. Acesso em: 10/12/14.

Did. CASARES, J. **Diccionario ideológico de la lengua española**. Madrid: Gustavo Gili, 2004.

DiLE. BARRIONUEVO, V. S. **Diccionario de la Lengua Española: español-español**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

DiPE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario Práctico del Estudiante**. Barcelona: Santillana, 2007.

DPD. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario panhispánico de dudas**. Madrid: Santillana, 2005.

DPDe. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario panhispánico de dudas**. Disponível em: <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/dpd>>. Acesso em: 10/12/14.

DRAE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2001.

DRAEe. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Disponível em: <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>>. Acesso em: 10/12/14.

DuDi. SECO, M. **Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2006.

DUE. MOLINER, M. **Diccionario de uso del español**. Madrid: Gredos, 2001.

ENGELBERG, S.; LEMNITZER, L. **Lexikographie und Wörterbuchbenutzung**. Tübingen: Stauffenburg, 2004.

EsLE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario Esencial de la Lengua Española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2006.

GDEA. SÁNCHEZ, A. (dir.). **Gran diccionario del español actual**. Madrid: SGEL, 2001.

GDUE. **Gran Diccionario de uso del español actual**. Madrid: SGEL, 2001.

GramLE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la Lengua Española**. Madrid: Espasa, 2009.

GUTIÉRREZ, E. **Contrastes: español para brasileños**. Madrid: SGEL, 2006.

HAENSCH, G.; OMEÑACA, C. **Los diccionarios del español en el siglo XXI**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

HARTMANN, R.; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. London: Routledge, 2001.

HARTMANN, R. Mixed dictionary genres. In: GOUWS, R.; HEID, U.; SCHWEICKARD, W.; WIEGAND, H. (eds.). **Dictionaries. An international Encyclopedia of Lexicography**. Supplementary volume: Recent developments with focus on electronic and computational lexicography. Berlin: de Gruyter, 2013, p. 387-393.

HEID, U. The impact of computational lexicography. In: Gouws, R.; Hausmann, F. (Hrsg.). **Dictionaries: an international encyclopedia of Lexicography**. Supplementary - Vol. 4. Berlin: De Gruyter, 2013.

LEFFA, V. Quando menos é mais: Autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES, C. et. al. (org.). **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras**. Pelotas: UFPEL, 2003, p. 33-49.

MCER. **Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas**. España: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2002.

MORENO, C.; FERNÁNDEZ, G. **Gramática contrastiva del español para brasileños**. Madrid: SGEL, 2007.

MÜLLER-SPITZER, C. Textual structures in electronic dictionaries compared with printed dictionaries. In: Gouws, R.; Hausmann, F. (Hrsg.). **Dictionaries: an international encyclopedia of Lexicography**. Supplementary - Vol. 4. Berlin: De Gruyter, 2013.

NDAr. HAENSCH, G.; WERNER, R. (dirs.). **Nuevo diccionario de argentinismos**. Bogotá: Caro y Cuervo, 2000.

NDAr. HAENSCH, G.; WERNER, R. (dirs.). **Nuevo diccionario de cubanismos**. Bogotá: Caro y Cuervo, 2003.

OOI, V. English Internet Lexicography and Online Dictionaries. In: GOUWS, R.; HEID, U.; SCHWEICKARD, W.; WIEGAND, H. (eds.). **Lexicographica**. Berlin: de Gruyter, 2013, p. 143-154.

PCIC. **Plan Curricular del Instituto Cervantes**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006.

PCICa. **Plan Curricular del Instituto Cervantes**. Niveles A1 y A2. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006.

PCNEM. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasil: Ministério da Educação, 2000.

PLI. **Pequeño Larousse Ilustrado 2011**. Barcelona: Larousse, 2011.

SWANEPOEL, P. Typology of dictionaries. A pragmatic approach. In: STERKENBURG, P. (Ed.). **A practical guide to lexicography**. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 44 – 70.

WDD. HAUSMANN, F.; REICHMANN, O.; ZGUSTA, L.; WIEGAND, H. **Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires**. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin / New York: de Gruyter, 2013.

WELKER, H. **Dicionários**. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus. 2004.

APÊNDICE A

Dicionários do Acervo UFRGS

	DICIONÁRIO	Disponibilidade
01	Universidad Alcalá de Henares. 2013. <i>Señas: Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para brasileños</i> . São Paulo: WMF Martins Fontes.	Disponível.
02	Santillana. 2009. <i>Diccionario Salamanca de la Lengua Española</i> . Madrid: Santillana.	Não disponível.
03	CASARES, J. 2007. <i>Diccionario ideológico de la Lengua Española</i> . Barcelona: Gustavo Gili.	Não disponível.
04	SÁNCHEZ PÉREZ, A. 2007. <i>Diccionario de bolsillo de la Lengua Española</i> . Madrid: SGEL.	Não disponível.
05	Real Academia Española. 2005. <i>Diccionario del Estudiante</i> . Madrid: Santillana.	Disponível.
06	Real Academia Española. 2005. <i>Diccionario Panhispánico de Dudas</i> . Madrid: Santillana.	Não disponível.
07	SÁNCHEZ PÉREZ, A. 2004. <i>Diccionario de bolsillo del Español Actual</i> . Madrid: SGEL.	Não disponível.
08	GONZÁLEZ, C. 2002. <i>Diccionario de la lengua española para estudiantes de español</i> . Madrid: Espasa-Calpe.	Não disponível.
09	VOX. 2002. <i>Diccionario de Uso del Español de América y España</i> . Barcelona: SPES.	Não disponível.
10	Real Academia Española. 2001. <i>Diccionario de la Real Academia Española</i> . Madrid: Espasa-Calpe.	Disponível.
11	SÁNCHEZ PÉREZ, A. 2001. <i>Gran Diccionario de Uso del Español Actual: basado en el corpus lingüístico Cumbre</i> . Madrid: SGEL.	Disponível.
12	SALVADOR, G. 2000. <i>Nuevo Diccionario esencial de la Lengua Española</i> . Madrid: Santillana.	Disponível.
13	SECO, M. 1999. <i>Diccionario del Español Actual</i> . Madrid: Aguilar.	Disponível.
14	ALVAR EZQUERRA, M. 1999. <i>Diccionario Ideológico de la Lengua Española</i> . Barcelona: Bibliograf.	Disponível.
15	COROMINAS, J. 1998. <i>Breve Diccionario etimológico de la Lengua Castellana</i> . Madrid: Gredos.	Não disponível.
16	CORRIPIO, F. 1998. <i>Diccionario de sinónimos y antónimos de la Lengua Española</i> . Barcelona: Larousse.	Não disponível.
17	MARTÍNEZ DE SOUSA, J. 1998. <i>Diccionario de usos y dudas del Español Actual</i> . Barcelona: Bibliograf.	Não disponível.
18	MORAL, R. 1998. <i>Diccionario temático del español</i> . Madrid: Verbu.	Disponível.
19	BUITRAGO JIMÉNEZ, A. 1997. <i>Diccionario Espasa dichos y frases hechas</i> . Madrid: Espasa.	Não disponível.
20	MENÉNDEZ PIDAL, R.; GILI GAYA, S. 1997. <i>Diccionario general de la Lengua Española ilustrado</i> . Barcelona: Bibliograf.	Não disponível.
21	MOLINER, M. 1997. <i>Diccionario de uso del Español</i> . Madrid: Gredos.	Disponível.

22	Everest. 1997. <i>Diccionario práctico de americanismos</i> . Leon: Everest.	Não disponível.
23	Olympia. 1996. <i>Diccionario de sinónimos de la Lengua Española</i> . Paris: Olympia.	Disponível.
24	BORGES, J. L. 1995. <i>Grijalbo Diccionario enciclopédico</i> . Barcelona: Grijalbo.	Não disponível.
25	Universidad Alcalá de Henares. 1995. <i>Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española</i> . Barcelona: Bibliograf.	Disponível.
26	ALVAR EZQUERRA, M. 1994. <i>Diccionario de voces de uso actual</i> . Madrid: Arco Libros.	Não disponível.
27	GOBELLO, J. 1994. <i>Nuevo diccionario lunfardo</i> . Buenos Aires: Corregidor.	Disponível.
28	MÉNDEZ-FAITH, T. 1994. <i>Breve diccionario de la literatura paraguaya</i> . Asunción: El Lector.	Não disponível.
29	MATEO, F. 1993. <i>El arte de conjugar en español: diccionario de 12000 verbos</i> . Paris: Hatier.	Não disponível.
30	MORÍNIGO, M. 1993. <i>Diccionario del Español de América</i> . Madrid: Anaya y Mario Muchnik.	Não disponível.
31	LEÓN, V. 1992. <i>Diccionario de argot español y lenguaje popular</i> . Madrid: Alianza.	Não disponível.
32	MARSÁ, F. 1990. <i>Diccionario normativo y guía práctica de la Lengua Española</i> . Barcelona: Ariel.	Não disponível.
33	SÁNCHEZ PÉREZ, A. 1988. <i>Gran Diccionario de la Lengua Española</i> . Madrid: SGEL.	Disponível.
34	CORRIPIO, F. 1987. <i>Diccionario de ideas afines</i> . Barcelona: Herder.	Não disponível.
35	RELA, W. 1986. <i>Diccionario de escritores uruguayos</i> . Montevideo: Editorial de la Plaza.	Não disponível.
36	GARCÍA-PELAYO Y GROSS, R. 1983. <i>Larousse Diccionario práctico del español moderno</i> . Barcelona: Larousse.	Disponível.
37	ALONSO PEDRAZ, M. 1978. <i>Diccionario del español moderno</i> . Madrid: Aguilar.	Disponível.
38	LADERO, L. 1970. <i>Diccionario ilustrado básico Sopena</i> . Barcelona: Ramón Sopena.	Disponível.
39	SANTAMARÍA, A. 1967. <i>Diccionario de incorrecciones y particularidades del lenguaje</i> . San Juan: Cultural.	Não disponível.
40	Unión Panamericana. 1959. <i>Diccionario de la literatura latinoamericana: Bolivia</i> . Washington: Unión Panamericana.	Não disponível.
41	Unión Panamericana. 1959. <i>Diccionario de la literatura latinoamericana: Colombia</i> . Washington: Unión Panamericana.	Não disponível.
42	ALONSO PEDRAZ, M. 1958. <i>Enciclopedia del idioma: diccionario histórico y moderno de la lengua española</i> . Madrid: Aguilar.	Disponível.
43	Unión Panamericana. 1958. <i>Diccionario de la literatura latinoamericana: Chile</i> . Washington: Unión Panamericana.	Não disponível.
44	COROMINAS, J. 1954-1957. <i>Diccionario crítico</i>	Disponível.

	<i>etimológico de la lengua castellana</i> . Madrid: Gredos.	
45	GARCÍA DE DIEGO, V. 1954. <i>Diccionario etimológico español e hispánico</i> . Madrid: SAETA.	Não disponível.
46	Revista de Occidente. 1953. <i>Diccionario de literatura española</i> . Madrid: Revista de Occidente.	Disponível.
47	Real Academia Española. 1950. <i>Diccionario manual e ilustrado de la Lengua Española</i> . Madrid: Espasa-Calpe.	Disponível.
48	MONLAU, P. 1946. <i>Diccionario etimológico de la Lengua Castellana</i> . Buenos Aires: J. Gil.	Não disponível.
49	BARCÍA, R. 1944. <i>Diccionario de sinónimos castellanos</i> . Buenos Aires: J. Gil.	Não disponível.
50	CABALLERO, R. 1942. <i>Diccionario de modismos de la Lengua Castellana</i> . Buenos Aires: El Ateneo.	Não disponível.
51	MIR Y NOGUERA, J. 1942. <i>Diccionario de frases de los autores clásicos españoles</i> . Buenos Aires: J. Gil.	Não disponível.
52	DÍAZ FABELO, T. 19---. <i>Diccionario de la Lengua Conga residual en Cuba</i> . Santiago de Cuba: Casa del Caribe.	Disponível.

APÉNDICE B

Dicionários do Acervo PUCRS

	DICIONÁRIO
01	DELE. 2008. <i>Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños</i> . São Paulo: WMF Martins Fontes.
02	LUCAS VALLEJO, M. 2005. <i>Diccionario de dudas</i> . Madrid: Edaf.
03	ROBERTS, E.; PASTOR, B. 1997. <i>Diccionario Etimológico Indoeuropeo de la Lengua Española</i> . Madrid: Alianza.
04	COLUCCIO, F. 1996. <i>Diccionario de voces y expresiones argentinas</i> . Buenos Aires: Plus Ultra.
05	Real Academia Española. 1995. <i>Diccionario de la Real Academia Española</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
06	Larousse. 1994. <i>Diccionario Larousse Esencial de la Lengua Española</i> . México: Larousse.
07	SM. 1994. <i>Diccionario didáctico de español elemental</i> . Madrid: Ediciones SM.
08	SM. 1994. <i>Diccionario didáctico de español intermedio</i> . Madrid: Ediciones SM.
09	MORÍNIGO, M. 1993. <i>Diccionario del Español de América</i> . Madrid: Anaya.
10	BIOY CASARES, A. 1991. <i>Diccionario del argentino exquisito</i> . Rio de Janeiro: Emecé.
11	KLEISER, L. 1986. <i>Refranero general ideológico español</i> . Madrid: Hernando.
12	LÉON, V. 1983. <i>Diccionario de argot español y lenguaje popular</i> . Madrid: Alianza.
13	SECO, M. 1981. <i>Diccionario de dudas y dificultades de la Lengua Española</i> . Madrid: Aguilar.
14	MARTÍN, J. 1979. <i>Diccionario de expresiones malsonantes del español: léxico descriptivo</i> . Madrid: Istmo.
15	RD. 1979. <i>Gran Diccionario de sinónimos, antónimos e ideas afines Ruy Díaz</i> . Buenos Aires: RD.
16	VACCARO, M. 1976. <i>Mataburro lunfa: diccionario lunfardo de bolsillo</i> . Buenos Aires: Torres Agüero.
17	VEGA, L. 1975. <i>Diccionario de arcaísmos: vida, pasión, muerte y resurrección del vocablo</i> . Cuenca: Universidad Católica de Cuenca.
18	Plaza y Janés. 1970. <i>Diccionario enciclopédico ilustrado Plaza y Janés</i> . Barcelona: Plaza y Janés.
19	Sintes. 1970. <i>Diccionario de máximas, pensamientos y sentencias</i> . Barcelona: Sintés.
20	Sopena. 1966. <i>Diccionario enciclopédico ilustrado de la Lengua Española</i> . Barcelona: Sopena.
21	GRANADA, D. 1957. <i>Vocabulario rioplatense razonado</i> . Montevideo: Ministerio de instrucción pública y previdencia social.
22	COROMINAS, J. 1954. <i>Diccionario crítico etimológico de la Lengua Castellana</i> . Madrid: Gredos.
23	MENÉNDEZ PIDAL, R. 1953. <i>Diccionario General ilustrado de la Lengua Española</i> . Barcelona: SPES.

24	SAUBIDET, T. 1952. <i>Vocabulario y refranero criollo</i> . Buenos Aires: Kraft.
25	Real Academia Española. 1950. <i>Diccionario manual e ilustrado de la Lengua Española</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
26	BARCIA, R. 1945. <i>Diccionario general etimológico de la lengua española</i> . Buenos Aires: Anaconda.
27	CASARES, J. 1942. <i>Diccionario Ideológico de la Lengua Española</i> . Barcelona: Gili Gaya.
28	ALEMANY Y BOLUFER, J. 1942. <i>Diccionario enciclopédico ilustrado de la Lengua Española</i> . Buenos Aires: Sopena.
29	BENOT, E. 1941. <i>Diccionario de ideas afines</i> . Buenos Aires: Sopena.

APÊNDICE C

Dicionários do Acervo UNIRITTER

	DICIONÁRIO
01	Larousse. 2003. <i>Larousse Universal diccionario enciclopédico</i> . Paris: Larousse.
02	Real Academia Española. 2003. <i>Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española</i> . Madrid: Espasa.
03	Santillana. 2001. <i>Nuevo Diccionario esencial de la Lengua Española</i> . Madrid: Santillana.
04	DELE (2001). <i>Señas: Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para brasileños</i> . São Paulo: WMF Martins Fontes.
05	Larousse. 2000. <i>El Pequeño Larousse Ilustrado 2001</i> . Barcelona: Larousse.
06	CALDERÓN, D. 1999. <i>Diccionario de términos literarios</i> . Madrid: Alianza.
07	MOLINER, M. 1998. <i>Diccionario de Uso del Español</i> . Madrid: Gredos.
08	Real Academia Española. 1998. <i>Diccionario escolar de la Real Academia Española</i> . Madrid: Espasa.
09	SM. 1998. <i>Básico Diccionario didáctico del Español</i> . Madrid: SM.
10	Sopena. 1998. <i>Americanismos: diccionario ilustrado Sopena</i> . Barcelona: Ramón Sopena.
11	COROMINAS, J. 1997. <i>Breve diccionario etimológico de la Lengua Castellana</i> . Madrid: Gredos.
12	Espasa. 1997. <i>Diccionario Espasa Escolar de la Lengua Española</i> . Madrid: Espasa.
13	Espasa. 1997. <i>Diccionario Espasa de sinónimos y antónimos</i> . Madrid: Espasa.
14	GOBELLO, J. 1997. <i>Nuevo diccionario lunfardo</i> . Buenos Aires: Corregidor.
15	Grijalbo. 1997. <i>Gran diccionario enciclopédico ilustrado</i> . Barcelona: Grijalbo.
16	Larousse. 1997. <i>Diccionario general de la Lengua Española</i> . Barcelona: Larousse.
17	SÁNCHEZ PÉREZ, A. 1997. <i>Diccionario de bolsillo de la Lengua Española</i> . Madrid: SGEL.
18	SECO, M. 1997. <i>Diccionario de dudas y dificultades de la Lengua Española</i> . Madrid: Espasa.
19	MORÍNIGO, M. 1996. <i>Diccionario del Español de América</i> . Madrid: Anaya y Mario Muchnik.
20	ROBERTS, E.; PASTOR, B. 1996. <i>Diccionario Etimológico Indoeuropeo de la Lengua Española</i> . Madrid: Alianza.
21	SGEL. 1996. <i>Gran Diccionario de la Lengua Española</i> . Madrid: SGEL.
22	Universidad Alcalá de Henares. 1995. <i>Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española</i> . Barcelona: Biblograf.
23	DOVAL, G. 1994. <i>Diccionario de citas</i> . Madrid: Ediciones del Prado.
24	Anaya. 1991. <i>Diccionario Anaya de la Lengua</i> . Madrid: Anaya.
25	Sopena. 1991. <i>Diccionario enciclopédico ilustrado Sopena</i> . Barcelona: Ramón Sopena.

26	MARSÁ, F. 1990. <i>Diccionario normativo y guía práctica de la lengua española</i> . Barcelona: Ariel.
27	DOVAL, G. 1987. <i>Nuevo diccionario antológico de pensamientos y aforismos</i> . Madrid: EDAF.
28	GILI GAYA, S. 1982. <i>Vox Diccionario abreviado de sinónimos</i> . Barcelona: Biblograf.
29	COROMINAS, J. 1980. <i>Diccionario crítico etimológico Castellano e Hispánico</i> . Madrid: Gredos.
30	CABALLERO, R. 1972. <i>Diccionario de modismos de la Lengua Castellana</i> . Buenos Aires: El Ateneo.
31	Espasa-Calpe. 1965. <i>Diccionario enciclopédico abreviado</i> . Madrid: Espasa-Calpe.

APÊNDICE D

Dicionários do Acervo Instituto Cervantes

	DICIONÁRIO
01	Asociación de Academias de la Lengua Española. 2010. <i>Diccionario de Americanismos</i> . Madrid: Santillana.
02	INDURÁIN PONS, J. 2010. <i>Esencial: diccionario de la Lengua Española</i> . São Paulo: WMF Martins Fontes.
03	ROBERTS, E.; PASTOR, B. 2007. <i>Diccionario etimológico indoeuropeo de la Lengua Española</i> . Madrid: Alianza.
04	FAURE, R. et al. 2006. <i>Diccionario de apellidos españoles</i> . Madrid: Espasa.
05	CALDERÓN, D. 2006. <i>Breve diccionario de términos literarios</i> . Madrid: Alianza.
06	SECO, M. 2006. <i>Diccionario de dudas y dificultades de la Lengua Española</i> . Madrid: Espasa.
07	Larousse. 2006. <i>Larousse diccionario esencial de la Lengua Española</i> . Barcelona: Larousse.
08	COROMINAS, J. 2006. <i>Breve diccionario etimológico de la Lengua Castellana</i> . Madrid: Gredos.
09	CERROLAZA, Ó. 2005. <i>Diccionario práctico de gramática</i> . Madrid: Edelsa.
10	CIRLOT, J. 2005. <i>Diccionario de símbolos</i> . Madrid: Ciruela.
11	PENADÉS MARTÍNEZ, I. 2005. <i>Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español</i> . Madrid: Arco Libros.
12	GRANDE, P. 2005. <i>Diccionario de sinónimos y antónimos</i> . Madrid: Espasa.
13	SECO, M. 2005. <i>Diccionario del español actual</i> . Madrid: Aguilar.
14	Real Academia Española. 2005. <i>Diccionario Panhispánico de Dudas</i> . Madrid: Santillana.
15	RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, F. 2005. <i>Diccionario de terminología y argot militar</i> . Madrid: Verbum.
16	LEDO, B. 2004. <i>Diccionario de galego</i> . Vigo: Ir Indo.
17	Universidad Alcalá de Henares. 2004. <i>Señas: diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para brasileños</i> . São Paulo: WMF Martins Fontes.
18	DOMÍNGUEZ CAPARRÓS, J. 2004. <i>Diccionario de métrica española</i> . Madrid: Alianza.
19	GARCÍA REMIRO, J. 2004. <i>¿Qué queremos decir cuando decimos--? - Frases y dichos del lenguaje diario</i> . Madrid: Alianza.
20	CASARES, J. 2004. <i>Diccionario ideológico de la Lengua Española</i> . Barcelona: Gustavo Gili.
21	ALBAIGÈS, J. 2003. <i>Diccionario de palabras afines</i> . Pozuelo de Alarcón: Espasa-Calpe.
22	HAENSCH, G. 2003. <i>Diccionario del español de Cuba</i> . Madrid: Gredos.
23	GUTIÉRREZ TUÑÓN, M. 2002. <i>Diccionario de castellano antiguo</i> . Madrid: Aldebarán.
24	CUERVO, J. 2002. <i>Diccionario de construcción y régimen de la Lengua Castellana</i> . Barcelona: Herder. (Recurso electrónico)

25	PENADÉS MARTÍNEZ, I. 2002. <i>Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español</i> . Madrid: Arco Libros.
26	GONZÁLEZ DE GAMBIER, E. 2002. <i>Diccionario de terminología literaria</i> . Madrid: Síntesis.
27	PHARIES, D. 2002. <i>Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales</i> . Madrid: Gredos.
28	HERNÁNDEZ ALONSO, C. 2002. <i>Diccionario de germanía</i> . Madrid: Gredos.
29	GONZÁLEZ, C. 2002. <i>Diccionario de la Lengua Española para estudiantes de español</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
30	CASTAÑARES, W. 2002. <i>Diccionario de citas</i> . Madrid: Noesis.
31	Real Academia española. 2001. <i>Diccionario de la Real Academia Española</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
32	Anaya. 2001. <i>Diccionario de Secundaria y Bachillerato de la Lengua Española</i> . Barcelona: SPES.
33	MOLINER, M. 2001. <i>Diccionario de uso del español</i> . Madrid: Gredos.
34	NÁÑEZ, E. 2001. <i>Diccionario de construcciones sintácticas del español: preposiciones</i> . Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
35	GALENDE DÍAZ, 2001. <i>Diccionario general de abreviaturas españolas</i> . Madrid: Verbum.
36	Real Academia Española. 2001. <i>Diccionario esencial de la Real Academia Española</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
37	Espasa-Calpe. 2000. <i>Diccionario de sinónimos y antónimos</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
38	HAENSCH, G. 2000. <i>Diccionario del español de Argentina</i> . Madrid: Gredos.
39	CHORDÁ RIOLLO, F. 2000. <i>Diccionario de términos históricos afines</i> . Madrid: Istmo.
40	Larousse. 2000. <i>Diccionario manual de la Lengua Española</i> . Barcelona: Larousse.
41	Universidad Alcalá de Henares. 2000. <i>Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española: español para extranjeros</i> . Madrid: Bibliograf.
42	SUANCES TORRES, J. 2000. <i>Diccionario del verbo español, hispanoamericano y dialectal</i> . Barcelona: Herder.
43	PLATAS TASENDE, A. 2000. <i>Diccionario de términos literarios</i> . Madrid: Espasa-Calpe.
44	LECHADO GARCÍA, J. 2000. <i>Diccionario de eufemismos y de expresiones eufemísticas del español actual</i> . Madrid: Verbum.
45	RAMOS, A. 2000. <i>Diccionario Akal del español coloquial</i> . Madrid: Akal.
46	CANDÓN, M. 2000. <i>A buen entendedor --: diccionario de frases hechas de la Lengua Castellana</i> . Madrid: Mario Muchnik.
47	GARCÍA YEBRA, V. 1999. <i>Diccionario de galicismos prosódicos y morfológicos</i> . Madrid: Gredos.
48	STEEL, B. 1999. <i>Breve diccionario ejemplificado de americanismos</i> . Madrid: Arco Libros.
49	GROSSCHMID, P. 1998. <i>Diccionario de regionalismos de la Lengua Española</i> . Barcelona: Juventud.
50	SECO, M. 1998. <i>Diccionario avanzado de la Lengua Española</i> . Barcelona:

	Bibliograf.
51	AROCA SANZ, J. 1997. <i>Diccionario de atentados contra el idioma español</i> . Madrid: Ediciones del Prado.
52	Vox. 1997. <i>Diccionario general de la Lengua Española</i> . Barcelona: Bibliograf. (Recurso electrónico)
53	NIETO BALLESTER, E. 1997. <i>Breve diccionario de topónimos españoles</i> . Madrid: Alianza.
54	DOVAL, G. 1996. <i>Diccionario de expresiones extranjeras</i> . Madrid: Ediciones del Prado.
55	Larousse. <i>Diccionario práctico de dificultades de la Lengua Española</i> . Barcelona: Larousse.
56	Aglo. 1995. <i>Diccionario enciclopédico ilustrado más actual</i> . Madrid: Aglo.
57	UMBRAL, F. 1995. <i>Diccionario de literatura</i> . Barcelona: Planeta.
58	DOVAL, R. 1994. <i>Diccionario general de citas</i> . Madrid: Ediciones del Prado.
59	ALVAR EZQUERRA, M. 1994. <i>Nuevo diccionario de voces de uso actual</i> . Madrid: Arco Libros.
60	VARELA, F. 1994. <i>Diccionario fraseológico del español moderno</i> . Madrid: Gredos.
61	CORRIPIO, F. 1991. <i>Sinónimos y antónimos: diccionario práctico</i> . Madrid: Larousse.
62	MARSÁ, F. 1990. <i>Diccionario normativo y guía práctica de la Lengua Española</i> . Barcelona: Ariel.
63	MICHELENA, L. 1987. <i>Diccionario general vasco</i> . Bilbao: Mensajero.
64	Grijalbo. 1986. <i>Grijalbo diccionario enciclopédico</i> . Barcelona: Grijalbo.
65	SAINZ DE ROBLES, F. 1982. <i>Diccionario de la literatura</i> . Madrid: Aguilar.
66	COROMINAS, J. 1980. <i>Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico</i> . Madrid: Gredos.

APÉNDICE E

Diccionários online

	DICIONÁRIO
01	Diccionario de la Real Academia Española (http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae)
02	Diccionario Panhispánico de Dudas (http://www.rae.es/recursos/diccionarios/dpd)
03	Diccionario de Americanismos (http://www.rae.es/recursos/diccionarios/desen)
04	Diccionario Esencial de la Lengua Española (http://www.rae.es/recursos/diccionarios/desen)
05	Diccionario de ideas afines (CORRIPIO, F. 1985) (cideargumentaciones.files.wordpress.com/2010/07/diccionario-de-ideas-afines.pdf)
06	Diccionario de colocaciones (http://www.dicesp.com/paginas/index/1)
07	Diccionario de ideas afines (BENOT, s.a.) (http://mgarci.aas.duke.edu/cibertextos/BENOT-E/TESORO-ESPANOL/)
08	Diccionario de lengua Wordreference (http://www.wordreference.com/definicion/)
09	Diccionario de sinónimos Wordreference (http://www.wordreference.com/sinonimos/)
10	Diccionarios del periódico El mundo (http://www.elmundo.es/diccionarios/)
11	Diccionarios del periódico El País (http://servicios.elpais.com/diccionarios/)
12	Diccionario reverso (http://diccionario.reverso.net/)
13	Diccionario de sinónimos en español (http://www.sinonimos.com/)
14	Diccionario sinónimos.org (http://www.sinonimos.org/)
15	Diccionario de sinónimos (http://www.diccionariodesinonimos.es/)
16	Diccionario de antónimos (http://www.diccionariodeantonimos.com/)
17	Diccionario básico escolar (http://ixa2.si.ehu.es/dbe/index6.html)
18	Bildwörterbuch – Diccionario por la imagen (http://hispanoteca.eu/Bildwoerterbuch/Bildw%C3%B6rterbuch/Bildw%C3%B6rterbuch-Index.htm)
19	El diccionario visual (http://www.infovisual.info/index_es.html)
20	Diccionario inverso de la RAE (http://dirae.es/)
21	Diccionario polifuncional de sinónimos, antónimos y parónimos (http://pt.scribd.com/doc/39269029/DICCIONARIO-LEXUS-DE-SINONIMOS-ANTONIMOS-Y-PARONIMOS)
22	Rimador.net – el super rimador de palabras (http://www.rimador.net/)
23	Spanish rhyming dictionary – Diccionario de rima español (http://www.alcor.com.au/spanish_rhyming_dictionary.asp)

24	Rimas.es (http://www.rimas.es/)
25	Rimar 2000 (http://www.rimar2000.com.ar/)
26	Rimario (http://www.fonemolabs.com/rimario.html#0+4+cocer)
27	The free dictionary (http://es.thefreedictionary.com/)
28	Busca Palabra (http://www.buscapalabra.com/)
29	Diccionario castellano educar.org (http://www.educar.org/diccionario/)
30	Diccionario de americanismos educar.org (http://www.educar.org/americanismos/index.asp)
31	Diccionario Salamanca de la Lengua Española (http://fenix.cnice.mec.es/diccionario/)
32	Herramienta Terra para búsquedas en el DRAE (http://diccionario.terra.com.pe/cgi-bin/b.pl)
33	Diccionario Clave de la Lengua Española (http://clave.smdiccionarios.com/app.php)
34	Diccionarios.com (http://www.diccionarios.com/)

APÊNDICE F

Apêndice de pronomes do DDEI (1994)

PRONOMBRES DEMOSTRATIVOS

Formas

- Funcionan como adjetivos o como sustantivos.
- Tienen género neutro.

	CERCANÍA RESPECTO A LA 1.ª PERSONA	CERCANÍA RESPECTO A LA 2.ª PERSONA	CERCANÍA RESPECTO A LA 3.ª PERSONA
m.	<i>este, estos</i>	<i>ese, esos</i>	<i>aquel, aquellos</i>
f.	<i>esta, estas</i>	<i>esa, esas</i>	<i>aquella, aquellas</i>
n.	<i>esto</i>	<i>eso</i>	<i>aquello</i>